

Patrimônio dos orphãos de Segundo Wanderley



POESIAS

№ 274

SEGUNDO WANDERLEY



Typ. d' "A Republica"—NATAL—1910

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO

OBRAS DO MESMO AUCTOR

(PUBLICADAS)

ESTRELLAS CADENTES—Versos
MIRAGENS E PRISMAS— “
RECOLTAS POETICAS— “
AS TRES DATAS—Scena dramatica, em versos
BRAZILEIROS E PORTUGUEZES—Drama historico
GONDOLAS—Versos
ENTRE O CÈO E A TERRA—Phantasia
POESIAS COMPLETAS
A PULGA—Comedia
MANIFESTAÇÃO BIRIPOTICA—Versos humoristicos
AMOR E CIUME—Drama
A PROVIDENCIA— “
PELA VERDADE—Pamphleto de polemica.



SEGUNDO WANDERLEY

PORQUE O FAZEMOS

Quando reunidos, nós e outros, para tratarmos de levantar as bases de um pequeno patrimonio que amparasse das mais penosas contingencias da vida os filhos de Segundo Wanderley, a lembrança da publicação, em volume, de todos os seus versos, foi a que, com maior interesse, accordou entre nós.

Viamos que nada nos poderia trazer tão seguro e prompto resultado como um livro feito dessas estrophes que o povo ama e admira, que será o proprio Segundo, a reclamar, dignamente, qualquer coisa para os entes amados, em recompensa lo muito que nos deu.

E, certos disso, emprehendemos a publicação que ora fazemos circular entre os seus amigos e admiradores, exactamente no dia que era o do seu anniversario natalicio. 6 de abril, ainda como uma homenagem que a nossa saudade e o seu grande merecimento justificam, mesmo atravéz as nevoas densas da morte...

A comissão,

MANOEL DANTAS
HENRIQUE CASTRICIANO
MOYSÉS SOARES
JOSÉ PINTO
EZEQUIEL WANDERLEY

UM GRANDE SONHADOR

Não desmereço por certo a coima de pleonastico afirmando que Segundo Wanderley era um extraordinario interprete das musas.

Bem poucos, de quantos no Brazil cultivam a seára da phantasia, fulguraram jamais com preponderancia melhor, com attributos de mais subido preço e de mais solida estimação. A principio increpavam-no de condoreiro, como si essa escola crystallizasse um defeito, não representasse um passado de glorias inauditas, cinzeladas no marmore de rimas superiores, cuja fulgurancia atravessa o crepusculo das éras com a majestade perpetua de um astro sem occidente...

Repndiar essa escola é desapreciar as maravilhas do genio dos *Chabiments*; é lançar um opprobrio sobre as grandezas ancestraes da poesia grega: é desconhecer a magnitude das estrófes de Virgilio ou as ódes venerandas do maior contemporaneo de Mecenas.

A escola de Segundo não desaparece, porque foi a escola dos genios, a amplitude onde se elevaram, em poderosos remigios, alguns dos mais robustos condóres do pensamento universal.

Castro Alves ha de ser eterno como o tempo.

As suas *Espumas Fluctuantes* resplandescerão pelos seculos a dentro, sempre á flôr desse pelago mysterioso onde se agitam as alegrias ou as lagrimas humanas.

A musa florejante e apaixonada do visionario bahiano, porque dessedentava-se nas fontes mais crystallinas do Sonho, subjugará docemente o espirito da terra nativa, enquanto vibrar o homem

na intensidade dos affectos e no hórto do peito feminino reverdecer a corôlla de uma esperança.

Falar do espolio intellectual de Segundo : lançar uma vista sobre a poesia legitima de minha terra.

Elle dominou e commoveu tanto o coração patricio que, mesmo o eclipse da morte, não ensombrou siquer a grandiosidade das suas conquistas.

Ellas perduram e perdurarão, alacres e soberanas, como o espirito altaneiro do poeta desaparecido.

Queiram ou não as modernas aguias do parnazianismo, o modesto e sublime coestadano era um dos artistas primacines de nossa nacionalidade. Da sua alma encantadora borbotava o sentimento, como o crystal dos arróios das entranhas mysteriosas da natureza.

Tão vibratil se mostrava o seu delicado temperamento que, muitas vezes, nas horas luminosas de triumpho, as suas palpebras resplandesciam de lagrimas, em vez do semblante desabrochar-se em sorrisos.

Das lyras potyguares nenhuma conheci nem conheço de feito sonoridade mais bellos.

Não quero nem devo alar dos criticos que lhe annuciaram ou engrandeceram a obra litteraria. Faltee-me a competencia requerida para tão escabrosa tarefa.

Outros que se abalancem a contestar palavras de uma individualidade como Antonio Marinho. Eu, porém, que o presava e préso tanto como a Segundo, não commetterei o sacrilegio de profanar-lhe a memoria. Ambos já se acham approximados pelo equalitarismo do mysterio final.

* *
*

A potencia d'aquelle cerebro privilegiado aféres-se por multiplos productos de incontrastavel merecimento.

Não só no dominio da alta intellectualidade, mas principalmente no vulgarismo da plebe, os formosos sonhos do glorioso belletrista conquistaram sempre a mais indisputavel consagração.

Não ha recitador de festa familiar que não apresente aos applausos do auditorio as rimas amarguradas e impressionantes do *Naufragio do Solimões*. Esta apothéose dos marujos que as ondas anniquilaram reflecte a soberania mental do magnanimo patricio, porque uma concepção dessa ordem não desponta de cerebrações mediocres.

Estas rastejam na imbecilidade impotente, esvurmando invectivas contra os talentos que preponderaram.

É inutil cultivar a palavra rimada sem a posse de attributos artisticos essenciaes.

IV

Esse vício maligno de querer pontificar no templo de Apollo, sacrificando a Arte por uma vaidade incompreensível, encontra seguidores ardentes em todos os angulos do territorio brasileiro.

Como no velho Portugal de 1864, «escreve-se por ali afóra muita frivolidade, aleja-se a arte de pés e mãos, esfarrapa-se o estylo em frangalhos de vender a peso, confundem-se todas as vocações em mistura de sandices harmoniosas e, apesar disto, todos desejam o summo sacerdocio das musas».

Falei acima do parnazianismo, da formosa escola de Theophilo Dias e Paulo de Arruda.

Quero agora mostrar que Segundo Wanderley tambem foi distincto, na companhia dos que se orientam pelas inspirações do Parnaso.

Sirva de exemplo este soneto :

CORAÇÃO VIRGEM

*«Tu, coração, cujo perfil descança
Da grande paz no ambito mesquinho,
Onde não pulsa a arteria de um carinho
Nem circula o licôr de uma esperanza ;*

*Tu, que dormes, qual tímida creança,
Sob a fronde aromal do rosmaninho,*

*Concha deserta, abandonado ninho,
Frito da luz do arco da Allianca ;*

*Gosas na sombra a placida ventura ;
Bailam somente em tua sepultura
Do fogo fatuo as erradias chammaas :*

*A prece basta a saciar-te a gula,
Tenho inveja da larva que te oscula,
És feliz, coração, porque não amas 'a*

Após a leitura destes fulgidos versos,—quatorze perolas engastadas n'uma redoma de ouro,—ninguém ha por certo que se não abate no intimo, agradecendo, ao mesmo tempo, á velha musa sempre nova, a fruição intellectual das suas magnas deslumbrações.

* *
*

O sonhador das *Estrellas Cudentes* era de uma espontaneidade extasiante nos arroubamentos da musa patriótica.

Nas horas de emoção suprema, as palavras pareciam asphyxiar-se na garganta do poeta, scintillantes e arrebatadôras, para depois surdirem n'uma magnifica electrização.

VIII

E si a sua existencia foi impolluta e fulgurante, os seculos render-lhe-ão o tributo mais invejavel porque, como elle mesmo affirmou nas derradeiras linhas de um magnifico soneto :

*«Não ha manchas n'uma alma de alabastro,
Não ha poente para o sol da gloria».*

Natal, 15 de Março de 1910.

Estanislau F. de S. J.



AS DUAS AGUIAS

AO POVO E AO EXERCITO

No vasto archivo dos sec'los
Ha factos, ha glorias taes
Que só descriptas ao fogo
De inspirações immortaes ;
Eu n'este instante contemplo
O mais magestoso exemplo
Da igualdade e do amor :
O povo abraçando a farda,
O malho junto á espingarda,
A aguia ao pé do condor.

Que deslumbrante espectac'lo !
Que bella transformação !
De todos os labios surge
Um grito só-- união !
E os dous gigantes se beijam,
Emquanto, podres, rastejam
Os vermes imperiaes ;
Milagre enorme da terra !
Sagrando os heróes da guerra
Eu vejo os heróes da paz.

São dous leões aquecidos
A' luz do mesmo arrebol,
São duas chammas nascidas
Do mesmo enorme pharol ;
São dous vulcões que crepitam,
Dous corações que palpitam,
Unidos, n'um corpo só ;

— 4 —
Dous genios, dous Pensamentos
Lançando a mercê dos ventos
Das monarchias o pó.

Ouvm-se applausos frementes
Que sobem do Potengy
A's regiões azuladas
Dos cimos do Cabugy ;
No dorso das vagas cerulas
Ha um concerto de perolas
Regido pelo tufão...
O céu de galas se veste,
De luz transborda o agreste,
De amor transborda o sertão.

Eis o sublime attestado
Desta união fraternal,
Que torna o povo invencivel,
Que torna a tropa immortal ;
Eis a divina memoria
Que aos horizontes da gloria
Os bravos leva a sorrir,
Nobre, impolluto legado,
Onde agonisa o passado,
Onde renasce o porvir.

Quatro gentis epopéas
N'este trophéo se contém ;
São quatro grandes verdades :
Patria, Deus, Justiça e Bem !
Nas suas côres se ostenta
Esta belleza opulenta
Que a magestade traduz :
Azul, quer dizer—grandeza —
O amarello—riqueza—
O verde—esperança e luz !

Soldados, o povo altivo
Se expande, como um vulcão,
Agradecendo aos atletas

Da santa revolução ;
 Commercio, sciencia e arte,
 Aos bravos filhos de Marte
 Inunda de applausos mil ;
 Não vedes ? Nesta bandeira
 Resume-se a historia inteira
 Da Liberdade civil !

Para exaltar vossos nomes,
 Vossas heroicas acções,
 Faço das flores estrophes,
 Laureis das constellações.
 Quando no ardor das batalhas,
 Ao sibilar das metralhas,
 O vosso peito tremer,
 Lembrai-vos d'esta homenagem
 Que n'ella achareis coragem
 Para lutar e vencer.

28 é mais que um dia,
 E' um lampejo de gloria,
 Cometa immenso engastado
 No firmamento da historia ;
 Hoje não ha privilegios,
 Não ha preconceitos regios,
 Não reinam caprichos vãos,
 Escravos, por tantos annos,
 São, hoje, republicanos,
 São todos livres, irmãos !

Sim ; isto é mais q'uma festa,
 Que um devaneio feliz :
 E' um baptismo solenne
 Que santifica um paiz...
 N'esta sublime conquista
 E' tanto o pincel do artista,
 Como da tropa o fuzil...
 Aqui, nesta turba immensa,
 Existe só uma crença :
 —Ressuscitar o Brazil.

SURGE ET AMBULA !

Eu venho aqui admirar somente
 Este concerto juvenil, feliz ;
 Eu venho aqui para sentir de perto
 Da mocidade as expansões febris ;
 Não me deslumbram principescas festas,
 São fogos fatuos de letaes paús...
 Eu amo ouvir um farfalhar de idéas,
 Apraz-me ver a progressão da Luz.

Julgo o trabalho obrigação sublime,
 Julgo a sciencia divinal dever,
 Precisa o malho p'ra vencer a pedra,
 O pensamento para o cahos vencer.
 E nesta lucta, gigantesca e santa,
 Que a tantas glorias immortaes conduz,
 Mesquinho o braço que fugir da arena,
 Maldito o peito que fugir da Luz.

Ao livro, pois, ó mocidade augusta,
 Ao livro todos com sincero afã,
 O livro é germen de fecundas glorias
 Que a noite muda em divinal manhã.
 Vibre-se o gladio da razão fulgente,
 Deixai que a crença se derrame a flux,
 Antes morrer-se combatendo o erro
 Do que viver-se num paiz sem Luz.

Segui a trilha do condor dos sec'los,
 Segui o exemplo dos heróes de além :
 E' semeando do talento as perolas
 Que se recolhe o verdadeiro bem.
 Baldada a lei que condemnou Vessale,
 Odio improficúo o que matou Jesus,
 Porque o futuro é um sacrario enorme
 Que tem por hostia da verdade a Luz.

Hoje que a patria já não tem senhores,
Hoje que a patria já não tem mais rei,
Que a liberdade derruiu o throno,
E a egualdade reformou a lei,
Cumpre expellir dos corações briosos
Da ignorancia o deleterio puz,
Fazer entrar, em borbotões, no craneo
Do amor a seiva, do progresso a Luz.

Novo horizonte se desdobra ao longe,
Um ar mais puro se respira aqui,
O que foi sombra ficou sendo aurora,
Cahiu Saúl, para se erguer David !
Moços, é tempo de expandir as azas,
Scindir da gloria ás regiões azues,
Quem mais estuda mais laureis conquista,
Mais se approxima do paiz da Luz.

Ouvi...um grito de eloquencia heroica
De gruta em gruta reboando vai,
E' Camarão a vos dizer—avante,
E' Miguelinho a repetir—luctai !
O cedro céde ao vendaval bravio,
A onda quebra nos penhascos nós,
Mas nada pode anniquilar um povo
Que tem por base um pedestal de Luz.

Eu vos saúdo, legião sagrada,
Raios fecundos de futuros sóes,
Pleiade, hoje, de gentis mancebos,
Mas, amanhã, constellações de heróes ;
Eu vos saúdo, repetindo sempre
Esta verdade que a razão seduz :
Para a grandeza assignalar d'um seculo
E' necessario—LIBERDADE E LUZ.



GLORIA A' JUSTIÇA

Poesia recitada á patriotica Junta Governamental do Estado, em nome das Senhoras Rio-Grandenses.

Quando um paiz de heróes expelle do seu seio
Da ignominia vil o deleterio puz,
Ninguem deve jazer na fria indiferença,
Ninguem pode deixar de contemplar a luz.

Nós, que sentimos n'alma as emoções sinceras,
As effusões leaes das consciencias sans ;
Nós, que somos da patria as extremosas filhas,
Nós, que somos do povo as virginaes irmans ;

Nós, que temos na frente o iris da esperança,
Estes effluvios bons de um novo alvorecer ;
Que sabemos prestar um culto á liberdade,
Que sabemos trilhar a senda do dever ;

Nós, que colhemos sempre os hymnos da victoria
Quando se faz myster amordaçar a dor ;
Que só temos no labio esta palavra — honra,
Que só temos na mente este ideal — amor ;

Agora, que o porvir sorrindo nos acena,
Que a cerração passou e tudo é rosicler,
Viemos vos trazer as benções da familia,
Viemos vos saudar em nome da mulher.

Viemos applaudir as festas do progresso,
Acompanhar tambem a santa evolução ,
N'um só livro inscrever, fundir num só poema
Os hymnos da virtude e os psalmos da razão.

Viemos affirmar que é nobre a vossa empreza,
Que é pura a vossa gloria e grande a vossa fé,
Viemos vos dizer, em nome da verdade,
Que o lar está tranquillo e a patria está de pé.

O Naufragio do Solimões

Tristeza ! funda tristeza
Nos enluta os corações ;
Já nada resta das aguias,
Dos bravos do «Solimões» !
O mar, esse negro abysmo,
Que não respeita o heroismo,
Nem sabe o que seja o lar,
Rolando, sobre montanhas,
Abrio as glaucas entranhas
Para os heróes sepultar.

Morreram, sim, mas morreram
Cumprindo um nobre dever !
Tombar assim—é ser grande,
Cahir assim—é vencer ;
Era arriscado o trajecto,
Porém sublime o projecto
Que os impellia a seguir ;
Morreram, sim, na cobiça
De proteger a justiça,
De resgatar o porvir.

Imaginai um navio
Sulcando as vagas de azul,
Sob a vergasta bravia
Desses pampeiros do sul ;
Um torvelhinho de espumas,
Por cima—um manto de brumas,
Por baixo— o negro parcel,
Então, haveis ter a scena
Que não a descreve a penna,
Nem a desenha o pincel.

Sobre o convez, sobranceiros,
Soldados e capitão
Mostram que são marinheiros

Da brazileira nação ;
Travou-se um duello incrível
Da crença contra o impossível,
Da honra contra o escarcéo ;
Lucta sem treguas, sem calma,
Do monstro enlaçando a alma,
Da alma invocando o céo.

Mentira ! tudo baldado !
Nem o valor, nem a fé
Podem salvar do infortunio
Um condemnado á polé.
Nas vascas de um cataclismo
E' nullo o proprio heroismo,
A mesma esp'rança se esvae...
Ha um drama no tombadilho :
O pae soluça—meu filho,
O filho geme—meu pae !..

Chegára a hora suprema,
Fugira a luz da razão ;
A alma busca o infinito,
Busca a materia o golphão.
Já nada vale a manobra,
A náu, perdida, sossobra
A's furias de vagas mil !
Terrível. duplo embaraço :
De um lado um tumulo de aço,
Do outro um antro de anil.

Então, nas ancias cruentas,
Nos paroxismos da dor,
Ouviu-se, surpresa estranha !
Uma epopéa de amor !
Era a phalange dos bravos,
Da morte pobres escravos
Soltando ás brisas do mar,
Como final despedida :
Adeus, ó patria, adeus, vida,
Adeus, esposa, adeus, lar.

Depois...cruel desengano !
 O nada, o sepulchro, o pó...
 No mar somente o pampeiro,
 Na terra a saudade, só !
 Sim, ao fitar' este drama,
 Este clarão, esta chamma,
 De um heroismo febril,
 Só pode negar conforto
 Quem tem um peito já morto,
 Quem não nasceu no Brazil.

.....

Silencio ! enchugai o pranto,
 Cumpri a vossa missão :
 Os mortos precisam preces,
 Os vivos precisam pão.
 O anjo da caridade
 Supplica em prol da orphandade,
 Da viuvez que ficou...
 Paguemos, num beneficio,
 Esse immortal sacrificio
 Dos bravos que o mar tragou.



PELA REPUBLICA

Poesia recitada no Meeting Republicano, no dia 5 de Março de 1893

Abram-se os santos thesouros
 Da liberdade e da luz,
 Dê-se ao faminto justiça,
 Direito aos que vivem nós ;
 Quer seja rico, quer pobre,
 Tudo é igual, tudo é nobre,

Tudo marcha ao mesmo fim,
Trilhando na mesma senda
Que levou Mario á legenda,
A' gloria, Silva Jardim !

Luctemos—que a lucta é santa
Quando é divino o idéal ;
E' sempre nobre o combate
Contra as phalanges do mal ;
E enquanto o tufão da ira
A's faces da patria atira
A lama vil da traição,
Faliemos, nós, a verdade,
Em frente da liberdade,
Em nome da redempção.

Nós somos um povo enorme
Como o destino o fadou ;
Nós somos um povo altivo,
Qual Tiradentes sonhou ;
Nosso poder não se mede,
Ninguem, ninguem nos excede
Das nossas crenças no ardor...
São grandes nossas façanhas,
São livres nossas montanhas,
E' immortal nosso amor.

Republicanos, é tempo
De confirmar nossa fé,
Quem for cobarde que fuja,
Os bravos ficam de pé !
Façamos dos nossos peitos
Archivo p'ra nossos feitos,
Das consciencias altar ;
Do bem na lucta serena
Seja o canhão nossa penna,
Seja o quartel nosso lar.

Lançai os olhos ao longe,
Que horror ! que contradição !

Ver filhos da mesma patria
Ferindo seu proprio irmão !
Oh ! não tomeis este exemplo
Que consternado eu contemplo,
Que jamais ver eu pensei ;
E' triste, é medonho, é novo,
Mentir-se em nome do povo,
Matar-se em nome da lei !

Não mais o choque sangrento
Que mil desastres produz ;
Já demos bastante sangue
Para obter muita luz ;
Nossa victoria é segura,
Cede a noite densa, escura,
Ao esplendor das manhãs ;
Tem a verdade outro brilho,
Não é do sangue do filho
Que faz-se a gloria das mães.

Luctemos...sim, mas fitando
Da patria o santo porvir ;
Quem tem por gladio a verdade
Não póde tombar, cair.
Nossa intenção não tem crime,
Nosso dever é sublime,
De paz é nossa missão,
Trazendo na fronte inscripto
Este protesto bemdito :
— Abaixo a restauração !



LUCTA EXTREMA

A' MINHA QUERIDA ESPOSA

Luctei ! Fui quasi vencido !
A lucta anniquila, esmaga,
Quando noss'alma naufraga
No lago calmo da fé ;
Luctei ! Se na lucta extrema
Fortaleceu-me a coragem
Era porque tua imagem
Me tinha sempre de pé.

Luctei, com firmeza rara,
Fui temerario, fui forte,
Mas aos caprichos da sorte
Quem poderá resistir ?
Quando me erguia da queda,
Julgando achar um abrigo,
Surgia um novo perigo,
Então, tornava a cahir.

Fiz sacrificios enormes,
Luctei, mas a lucta cança
Se nunca a dôce bonança
Vem a procella acalmar ;
Nas ondas das desventuras
Luctei, como o nauta afflicto,
Buscando um porto bemdito,
Por entre as brumas do mar.

A's vezes, quando o infortunio
Fazia perder-me a calma
E sobre o céu de minh'alma
Vinha uma nuvem pairar,
Eu murmurava abatido...
Talvez que a razão mentisse,

Porque se Deus existisse
Não me deixava penar.

Descreio da Divindade,
E's tú só a Providencia
A quem minha consciencia
Tributa um culto de amor ;
Se contra as leis do Evangelho
Isto é delicto, é peccado,
Eu quero ser condemnado,
Desejo ser peccador.

Vivo uma dupla existencia,
—Martyrio atroz, inclemente—
Uma risonha, apparente,
Outra sombria, real ;
Eu symboliso, por certo,
Esta montanha traidora
Que tem o gelo por fóra,
E dentro a lava fatal.

Emquanto na flor dos labios
Brinca-me um riso fingido,
Meu peito exhala um gemido
Do mais cruel dissabor ;
Emquanto a face enganosa
Expande um goso infinito,
O coração do proscripto
Exgotta o calix da dôr.

Luctei...o fado inimigo
Zombou de mim, caprichoso,
Soffrer, agora, é forçoso
Da sorte a impia vingança ;
Neste oceano de prantos
Onde só vejo os escolhos,
E' só a luz dos teus olhos
O meu pharol de esperanza.

HARMONIAS

Deus fez o astro p'ra luzir nos ares,
 A meiga rôla p'ra gemer na selva,
 A borboleta p'ra brincar na relva,
 A branca espuma p'ra boiar nos mares ;

Deus fez o cysne p'ra vagar nas aguas,
 O doce orvalho p'ra banhar as flores,
 A meiga esp'rança p'ra acalmar as dôres,
 A onda altiva p'ra rugir nas fragoas ;

Deus fez a aguia p'ra voar na serra,
 O passarinho p'ra cantar nos bosques,
 A flor mimosa p'ra enfeitar a terra.

Deus fez a nuvem para os céus azues,
 Deus fez a virgem p'ra viver de sonhos,
 Deus fez o homem p'ra viver de luz.



GLORIFICAÇÃO

A José de Alencar, por ocasião de representar-se o drama—Mãe—

Dizem que o pranto do cypreste esguio
 Banha-lhe a campa onde repousa só,
 Que o corpo inerte lhe reveste agora
 Triste sudario de cinzento pó ;
 Que o craneo dorme, que a paixão é muda,
 Que a alma adeja pelo azul do céu ;

Mas eu não creio no chorar das plantas,
Não sei ainda se Alencar morreu.

Passa a procella, o furacão se acalma,
Murcha a bonina que o vergel brotou,
Foge a ventura, o coração se exgota,
E sécca a fonte que o crystal jorrou ;
Tombam as folhas que o verão crestára,
Serena a onda que o tufão ergueu ;
Tudo se extingue, mas duvido sempre...
Não sei ainda se Alencar morreu.

Ha dous clarões que não se apagam nunca,
Eguaes no brilho, no fulgor eguaes :
Um é a chamma da Sciencia ingente,
O outro a luz da Liberdade audaz ;
Ah ! destas glorias perennaes, enormes,
O grande heroe do Ceará viveu !
Não sei se dorme, se descança ou sonha,
Não sei ainda se Alencar morreu.

Genio fundido no crisol sublime
Que fez Homero e produziu Jesus,
Desceu ao mar, para colher mais perolas,
Subiu ao Céu, para beber mais luz ;
E ouvindo as queixas do faminto escravo
Chorou com elle, soluçou, soffreu...
Ai, não me digam que baixou á campa...
Não sei ainda se Alencar morreu.

Geme o regato na mudez da selva,
Estúa, anceia, a murmurar : *Cecy...*
E num bafejo que estremece a planta
Responde a brisa a soluçar : *Pery...*
Onde mais terna e mais sublime endeixa
A lyra humana modulou, verteu ?
Ao contemplar este poema santo,
Não sei ainda se Alencar morreu.

O Guarany é um concerto ignoto

De duas chammas de diversos sóes,
De duas lavas de vulcões distantes,
Do riso brando com o rugir feroz ;
Dir-se-hia o cysne que tocou no lodo,
Mas foi o anjo que o dragão venceu ;
Faz-me pasmar este milagre enorme !
Não sei ainda se Alencar morreu.

Vê-se a virtude resgatando o vicio,
A innocencia absolvendo o réo,
A luz do bem vivificando a estatua,
O sopro d'alma desnudando o céu ;
Vê-se uma fada corrigindo um monstro,
Uma creança dominando Antheu !
Curvado em frente deste drama augusto,
Não sei ainda se Alencar morreu.

A natureza lhe imprimiu nos labios
Esta linguagem que ninguem imita...
A Providencia lhe vazou na frente
A luz do genio, perennal, bemdita ;
Que litterato de elevada fama
Mais cunho patrio ás suas obras deu ?
Não é possivel que um heróe succumba...
Não sei ainda se Alencar morreu.

Fez do rochedo rebentar a planta,
Da planta esteril desbrochar a flôr,
Da flôr inculca renascer o germen,
Germen fecundo de sagrado amor ;
De Diva—um anjo, de Luciola—santa,
Do antro escuro um luminoso céu ;
Se Gæthe existe revivendo em Fausto,
Não sei ainda se Alencar morreu.

Matou o verme p'ra dar vida á cova,
Perdeu cobardes p'ra salvar heróes,
Fechou abysmos para abrir escolhas,
Varreu as nuvens p'ra dar luz aos sóes ;
Da Liberdade ao venerando vulto

Um preito ardente divinal rendeu,
Eu sou pequeno p'ra medir-lhe a esphera,
Não sei ainda se Alencar morreu.

E agora o drama a desdobrar-se em scena,
Brando soluço que o heróe soltou,
Nuvem doirada que, scindindo o espaço,
Perolas de amor no coração deixou ;
Mãe—foi escrava p'ra salvar o filho !
Escrava—mãe que adoração perdeu...
Quando mergulho n'este mar de glorias
Não sei ainda se Alencar morreu.



A' memoria de minha adorada Mãe

Nascestes como os lyrios crystallinos
Cercados dos sorrisos d'alvorada,
Em berços de setim foste emballada,
Tinhas beijos de amor e ternos hymnos.

Vivestes como os anjos peregrinos
Nas chammas da virtude alimentada,
Do mundano prazer sempre afastada,
Entregue aos idéaes, puros, divinos.

Soffrestes como martyr ; teu tormento
Não mudou-te, porém, ó Mãe sublime,
Um instante, sequer, o sentimento !

Tivestes como santa um fim bemdito :
—E's um astro de menos cá na terra,
Um seraphim de mais lá no infinito.



ESCRAVIDÃO

Recitada por ocasião de collocar-se o busto de José Bonifacio, no salão do Gremio Litterario.

AO GREMIO LITTERARIO BAHIANO

Quebre-se a pedra funerea,
Evoque-se um nome augusto,
Faça-se erguer este busto
Que deslumbrou a nação ;
Vibre-se a nota 'sublime,
A nota da Independencia,
Em nome da Consciencia,
Em nome do Coração.

Eu vou dizer-vos, silencio !...
E' Bonifacio quem fala...
O que se chama senzala,
A escravidão o que é :
E' este orvalho de sangue
Vertido pelo supplicio,
Que nutre as flores do vicio
E cresta as flores da fé.

E' este corvo sedento
Que dilacera constante
O peito nú, palpitante,
Dos Prometheus do Equador ;
E' este sopro maldito
Que o negro inferno respira,
Que accende as lavas da ira
E apaga as lavas do amor.

E' este cancro terrivel
Que causa dôres estranhas

E róe as magras entranhas
 A' desgraçada nação ;
 E' este monstro disforme
 De atrocidades, faminto,
 Que multiplica o instincto
 E subtrahê a razão.

E' este escuro oceano
 Que só vomita a procella,
 Onde não passa uma vela,
 Onde não fulge uma luz ;
 E' este algoz deshumano,
 Este voraz traficante
 Que arvora o poste infamante
 E verga os braços da Cruz.

E' este filho arrancado
 Ao seio da pátria ardente,
 Que tem por mãe a corrente
 Que tem por pae—o feitor !
 Este vampiro sinistro
 Que só de prantos se nutre,
 Que ressuscita um abutre
 P'ra fulminar um condor !

E' este genio infecundo,
 Filho da torpe avareza,
 Que mesmo da 'natureza
 As próprias leis desviou ;
 E' este aborto disforme
 Que a ambição concebêra,
 Que lá na Lybia nascêra
 E que o Brazil perfilhou.

E' este infame corsario,
 Coveiro da intelligencia,
 Que vende fé, consciencia,
 Para comprar um brasão ;
 Este pirata cobarde,
 Que, garantido na praça,

Merca, sem pejo, a desgraça,
E põe o orfão em leilão.

E' este drama de prantos,
Das mais revoltantes farças,
Que tem por tristes comparsas
O odio, o cynismo, a dôr ;
E' esta nodoa que infama
Os fastos da nossa historia,
O brilho da nossa gloria
Junto ás glorias do Equador.

E' este tigre esfaimado .
Que de ferir não se cança,
Que abre o peito á vingança
E fecha a alma ao perdão ;
Esta avalanche de sangue
Que, num veloz paroxismo,
Róla de abysmo em abysmo,
Vai de baldão em baldão.

E' este escarro sangrento
Do egoismo profundo,
Rojado á face do mundo
Numa fatal convulsão ;
E' este vil Minotauro,
Este voraz sorvedouro,
Que bebe rios de ouro
E dá migalhas de pão.

Oh ! não me digam, não creio,
Ser o escravo, — impossível !—
O ente mais desprezível,
O germen mais corruptor ;
Mentira ! mentira tudo,
Porque peor que o escravo
E' este monstro ignavo,
Que o mundo chama— senhor !...

Lavre-se um santo protesto,

Erga-se a patria humilhada,
Vingue-se a vil bofetada
Que lhe abateu a cerviz ;
Andrada, sirva de exemplo,
Lavem-se os velhos aggravos...
- Não é nos braços escravos
Que se levanta o paiz.



A IMPRENSA E A ARTE

A CEZAR POLLA

POR OCCASIÃO DO SEU BENEFICIO

Eu pasmo em frente deste templo augusto
Que mil scentelhas de emoção produz ;
Eu pasmo em frente deste grande busto,
Eu pasmo em frente deste mar de luz ;
Que drama é este de sublime encanto,
Que excita o riso, que o pezar acalma ?
Responde o povo, modulando um canto :
—E' Guttemberg que festeja o Talma.

Cezar, teu nome de laureis cercado
Relembra um bravo e magestoso vulto...
Polla, teu genio de fulgor banhado
Merece as honras de sincero culto ;
Tú tens no craneo colossaes thesouros,
Esta magia que confunde a alma ;
Vês esta turba a te sagrar de louros ?
—E' Guttemberg que venera Talma.

Tú tens, artista, um privilegio ingente,
Tú tens, por certo, um predicado santo
Sabes mudar, em um feliz repente,
Num riso dôce o doloroso pranto ;
Registra, pois, estes triumphos grandes
Recolhe mais esta virente palma,
O Hymalaia cumprimenta os Andes...
—E' Guttemberg que saúda Talma.

Tú, hoje, vês p'ra o mesmo fim ligadas,
Ao brilho immenso de gentis clarões,
A' patria nobre dos heróes Andradas,
A patria augusta do immortal Camões !
E quando, um dia, sob o céu da gloria,
Gozando vida seductora e calma,
Vires teu nome figurar na Historia :
E' Guttemberg que admira Talma.



ANHELOS

Deixa beijar-te as faces côr de neve,
Meu beijo não faz mal, é meigo, é breve,
 Não macula-te, ó flôr ;
No firmamento a nuvem purpurina
Beija tambem a estrella crystallina,
 Mas poupa-lhe o fulgor.

Deixa beijar-te a perfumosa trança...
E' um beijo singello, de creança,
 Um terno beijo, emfim ;
Nos virentes vergeis a borbolêta
Vôa beijando a casta violêta,
 Sem manchar-lhe o setim.

Deixa beijar-te os labios coralinos —
Este cofre de beijos argentinos,
De graças infantis ;
Nada tens a temer, pomba encantada,
Meu beijo é como o beijo da alvorada
Das rosas no matiz.

Deixa beijar-te o collo perfumoso
No transporte de um sonho vaporoso
De mystico languor ;
E' um beijo subtil, não te magôa,
E' um beijo que Deus mesmo perdôa,
De fraternal amôr.

Deixa beijar-te as mãos alvas, pequenas,
Macias como as azas das phalenas,
Diaphanas, gentis ;
Ah, não fujas de mim, não tenhas mêdo ;
Eu não digo a ninguem, fica em segredo
Este beijo feliz.

Se te offende, porém, o meu desejo
E tens assomos virgíneas de pejo,
Hesitações cruéis,
Perdôa o meu delicto, o meu aggravado,
E deixa só que beije como escravo
Os teus mimosos pés.



A ESPERANÇA

A' minha querida irmanzinha MARIA

Tú ignoras, meu anjo,
O que se chama—ESPERANÇA,
Eu vou contar-te, creança,

Eu vou dizer-te o que é :
 Esta sublime virtude
 Que em todo peito crepita,
 E' irmã gemea, bemdita,
 Da Caridade e da Fé.

E' d'harpa dos sentimentos
 O mais harmonico harpejo,
 Um invencivel desejo
 De ser feliz, de fruir ;
 E' esta chave ignota
 De um privilegio encantado,
 Que fecha o céu do passado,
 Abrindo o céu do porvir.

E' este grato mysterio
 Que nos afaga a existencia,
 Este perfume, esta essencia
 De estranha e mimosa flôr ;
 E' esta idéa fagueira
 Que, sem cançar, nos procura,
 —Sêde de goso e ventura,
 —Fome constante de amor.

E' esta crença divina,
 Esta secreta linguagem,
 Esta ridente miragem
 Que se conhece sem ver ;
 E' este sonho acordado
 Que pela mente esvoaça,
 Tumulo de toda a desgraça,
 Berço de todo o prazer.

E' esta dôce vertigem
 Que nos deslumbra os sentidos,
 Quando vagamos perdidos
 Da vida no vasto mar :
 E' esta chamma perenne
 Que tantos raios encerra,

Que o gêlo todo da terra
E' incapaz de apagar.

E' este lago tranquillo
Onde noss'alma, indecisa,
Serena e calma, deslisa
Colhendo risos d'aurora ;
Este delirio, esta febre,
Mas esta febre que alenta,
Esta illusão que alimenta,
Esta illusão que devora:

E' este enlevo, este encanto,
Que nos deleita, enlanguesce,
Que augmenta mais, que mais cresce,
Quanto mais cresce a paixão ;
E' este antidoto santo
Que acalma todo o tormento,
Que nasce com o pensamento,
Que morre com o coração.

E' esta endeixa suave,
Que nos attrahe, nos surpr'ende,
Que todo mundo compr'ende,
Mas ninguem pôde explicar ;
E' esta casta açucena
Do terreal paraiso,
Que se alimenta de um riso,
Nutre-se só de um olhar. †

Tú, que inda tens pouca idade,
Não scismas, talvez, não pensas,
Tú, que só vives das crenças
Da Caridade e da Fé,
Quando do amor a cortina
P'ra ti abrir-se, algum dia,
Melhor saberás, Maria,
A ESPERANÇA o que é.

IMPLACAVEL !

Ao meu intimo amigo Affonso Loyolla

Resvala o raio rutilo rasgando
Da immensidade a téla vaporosa ;
Treme a terra terrível, tenebrosa,
Ao rugir dos trovões, de quando em quando.

Volve a vaga valente vomitando
Alvos caixões de espuma procellosa ;
Do firmamento a face phosphorosa
Vai de chammas as nuvens inundando.

Nos sombrios sertões silva a serpente,
Aos furores, fugindo das faguihas
Céde o cedro aos caprichos da corrente...

Só tú resistes da paixão nos mares,
Desprezando, do throno em que te orgulhas,
Promessas, penas, prantos e pezares.



A VOZ DA JUSTIÇA

Rompam-se as impias cadeias
Dos pulsos da escravidão
E dellas façam-se escadas
P'ra o templo da redempção ;
Abata-se o preconceito,
Salve-se a honra, o direito,
A consciencia, o porvir,

— 21 —

E seja infame, precito,
Deste combate bemdito
Quem recuar, quem fugir.

Vibre-se o gladio da idéa,
Vibre-se a luz da razão,
Chame-se, embora, esta lucta
— Revolta, revolução ;
E' louco, fatuo, impudente,
Quem quer oppôr se á torrente
Da Liberdade, do Amor ;
Sim, neste imperio de bravos
Não podem morrer escravos,
Não póde viver senhor.

Rasgue-se a lei fraticida,
A lei sangrenta, fatal,
Escripta com a ponta aguda
De venenoso punhal ;
Lei que o direito avassalla,
Que fere mais que uma bala,
Que abrasa mais que um vulcão,
Lei que resume este insulto :
Hereje—tú não tens culto,
Machina—não tens razão.

Filhos da idéa sagrada,
Filhos do grande paiz,
E' necessario arrancar-se
Do servilismo a raiz ;
Trave-se a justa batalha,
Seja a justiça a metralha
Que esmague o vil oppressor ;
—Na terra fecunda, immensa,
Quem planta o germen da crença
Recolhe os fructos do amor.

Eu ouço pelas espheras
Fundo gemido passar,
Como um protesto dos ventos,

Como um reclame do mar.:
E' o Brazil que asphixia
Nas garras da tyrannia,
Nas roscas da escravidão,
Ao vêr a dôr, a desgraça,
Exposta á venda, na praça,
A orphandade em leilão.

Da Biblia santa da historia
Que a consciencia compoz,
Risque-se o nome de martyr,
Risque-se o nome de algoz !
Basta de sangue e de lodo,
Castigue-se o crime todo
Da raça dos Phariseus ;
Em um conflicto pujante
— Quem salva a idéa é gigante,
— Quem salva á nação é Deus.

Quando a procella raivosa
Dos odios do despotismo
Mergulha os brios de um povo
Do desconceito no abysmo,
Compete a vós, mocidade,
N'um rasgo de heroicidade
Salvar, corrigir a lei,
E não trocar o decoro
Nem por punhados de ouro,
Nem por promessas de rei.

Emquanto houver mercenarios
Sem alma, sem coração,
Qué vendam, desnaturados,
O sangue de seu irmão ;
Emquanto as negras ossadas
Servirem, que horror ! de escadas
P'ra o throno vil de Caim,
Tudo se esvae, desaparece,
Nada produz, nada cresce
Neste deserto sem fim.

Ha neste grande momento,
Uma divina mudança
Da escuridão que recúa,
P'ra claridade que avança ;
Ha um solenne baptismo
No mar 'do patriotismo,
Na pia da abolição ;
Uma victoria sagrada,
Grande, immortal alcançada
Pelo poder da razão.

Ouve-se além, no infinito,
A voz magestosa e santa
Do Amazonas que rugé,
Do Amazonas que canta ;
Este poema inspirado,
Que impelle o bravo soldado
Ao posto do seu dever,
Contém estrophes tão grandes
Que o dorso, mesmo, dos Andes
E' pouco para as conter.

Honra a briosa provincia,
Ao destemido condor
Que livre mergulha as azas
Nas regiões do Equador ;
Honra a quem vinga o passado,
Remindo o negro peccado,
Dando uma luz ao covil...
Gloria a quem fecha a senzala...
Emquanto o crime resvalla,
Deus abençoa o Brazil.



RECORDAÇÕES

A meus Irmãos

Inda me lembro das passadas éras,
D'aquelle tempo perfumoso e lêdo
Em que eu dormia descuidoso e quêdo
Entregue aos gosos de infantis chimeras.

Inda me lembro do meu ninho santo,
Ninho querido, divinal, risinho,
Onde sonhei o meu primeiro sonho,
Onde compuz o meu primeiro canto.

Inda me lembro do casal paterno,
Onde tão perto deslisava o rio,
Do sol ardente do calmoso estio,
Da baça lua do brunoso inverno.

Inda me lembro...que feliz momento !
Das borboletas de ceruleas azas,
Que eu apanhava sob um céu de brazas,
De pé descalço, de cabeça ao vento.

Inda me lembro do botão rosado
Que, fugitivo, de manhã bem cêdo
Eu desprendia do jardim, sem mêdo
Que me apanhassem no subtil *peccado*.

Inda me lembro do canario louro
Que eu via alegre saltitar no galho,
Banhando as pennas no celeste orvalho
Que resvalava das espheras de ouro.

Inda me lembro das manhãs suaves,
Manhãs de Maio, divinaes, formosas,
Em que acordava ao desbrochar das rosas,
Em que me erguia ao descantar das aves.

Inda me lembro da janella esguia,
D'onde saltava p'ra brincar na rua ;
Das serenatas ao clarão da lua,
Que de meu leito suspirando ouvia.

Inda me lembro da cerulea alfombra
Nest'hora ignota de saudade vaga,
Onde se via na siderea plaga
Finar-se a luz e começar a sombra.

Inda me lembro do conselho santo,
Inda me lembro... para que lembrar-me
Se pôde a força do pezar matar-me !
Se esta lembrança me provoca o pranto ?

Oh ! como o sangue me corria ardente !
Oh ! como a vida me passava calma !
Sem a descrença a lacerar-me a alma,
Sem o remorso a fustigar-me a mente !

E se não fosse o teu amor, senhora,
E se não fosse o teu amor bemdicto,
Eu desejava... vaporoso mytho !
Voltar ao tempo em que vivi outr'ora.

Sim ; se não fôra a divinal esp'rança
Que nos teus olhos desenhada vejo,
Eu preferia... pueril desejo,
—Nascer de novo, para ser creança.



DEUS

A' minha prezada tia Umbelina Caldas

O vento irado que fustiga os mares,
 O mar bravio que sacode a vaga,
 A rosa meiga que perfuma a brisa,
 A brisa mansa que o vergel affaga ;

O firmamento onde palpita o astro,
 O astro louro a fulgurar sem véo,
 As meigas aves a vibrar seus cantos,
 O canto terno a se perder no céu ;

O branco arroio a deslizar na selva,
 A selva verde onde a phalena habita,
 O lago azul onde se emballa o cysne,
 Cysne que um floco de neblina imita ;

A luz da aurora que illumina o monte,
 O monte agudo a se cobrir de neve,
 A branca nuvem que fabrica o raio,
 O raio infrene que fulmina em breve ;

O ninho morno da saudosa rôla,
 A rôla afflictta a soluçar no galho,
 O bosque cheio de cheirosas flôres,
 A flôr sorvendo matinal orvalho ;

O dia claro que succede á noite,
 A noite escura que succede ao dia,
 O sol doirado a namorar a lua,
 A lua branca a desmaiar tão fria ;

A vaga altiva que balouça a barca,
 A barca airosa que se esvae na bruma,
 A nivea perola a dormtair na concha,
 A concha rubra a se embalar na espuma

O labio puro que provoca um beijo,
O beijo santo que alimenta a alma,
A bocca breve que modula um riso,
O riso meigo que a tormenta acalma...

Tudo me prende, me seduz, me eleva,
Da terra escura aos luminosos céus ;
E, contemplando esta harmonia santa,
Eu, firme, creio no poder de Deus.



MATA-ME !

Queres matar-me ? Mata-me, creança ;
E' tão d'ôce ser morto por um lyrio !
Queres' matar-me ? Mata-me de esperança,
Que eu aceito contente o meu martyrio.

Queres matar-me ? Mata-me, sem pena,
Sacia o teu capricho sanguinario ;
Que me importa morrer, branca açucena,
Se em teu seio diviso o meu Calvario ?

Queres matar-me ? Mata-me, não temas.
Eu perdoo, sorrindo, o teu delicto
E vingo-me de ti nos meus poemas...

Cumpre, mulher, o teu cruel desejo,
Dá-me o veneno—o teu sorrir bemdito,
Dá-me o punhal—um fervoroso beijo.



A' MARIA FRANCESI

NA NOITE DO SEU BENEFICIO

Francesi, quando teu vulto
Assoma ao palco, sorrindo,
Bem como Venus surgindo
Dos flócos puros de anil,
Não sei que mais admire
Nest' hora santa, encantada,
Si tua voz inspirada,
Si teu divino perfil !

Nasceste na bella Italia,
No paraiso da Europa,
Onde os artistas, em tropa,
Beber harmonias vão ;
Nesse paiz de poetas,
Sob esse céu tão sympathico,
Onde soluça o Adriatico,
Onde palpita o vulcão.

Oh, dize, onde aprendeste
A conquistar estas palmas ?...
Para prender tantas almas
Quem te ensinou a cantar ? !
—Foi o regato queixoso ?
—Foram as aves amenas ?
—Foram as brisas serenas,
Beijando as vagas do mar ?

Tú vibras todas as cordas
Da lyra do sentimento,
Até mesmo o pensamento
Fundes em notas de amor ;
Tú vais, n'um magico instante,
Sublime de melodia,

Das convulsões da alegria
Aos paroxismos da dôr.

Feliz de quem te contempla,
Feliz de quem te admira,
Quando teu labio suspira
Gemendo, mas sem soffrer ;
Quando teus olhos se velam,
Quando teu seio estremece
E que tu'alma parece
O mundo mesmo esquecer.

O nauta vive das vagas,
Vivem da flôr as abelhas,
Nutre-se o sol das scentelhas
Nos descampados azues ;
A rosa vive do orvalho,
Das alvoradas dos prantos,
Mas tú só vives de cantos,
Mas tú só vives de luz.

Tú tens na fronte esta chamma
Que alimentava Murillo,
Que dava raios a Eschylo
E a Donizetti um clarão ;
Chamma que em ondas derramas
Quando sorris no proscenio,
Fluido sagrado do genio,
Scentelhas de inspiração.

Vai, peregrina das Artes,
Vai conquistar mais thesouros,
Colher mais c'rôas de louros
Com teus idylios de amor ;
Vai fulgurar, linda estrella,
Em outro céu mais sereno,
Que este paiz é pequeno
Para conter teu fulgor.

Oh, anjo das cavatinas,
 Tú tens, com justo direito,
 Da mocidade no peito
 A mais custosa redoma...
 Vês esta chuva de applausos ?
 Vês esta nuvem de flores ?
 São os brasileos condores
 Saudando o cysne de Roma.



A' memoria de José Bonifacio

Tombou aquelle heróe, successo novo !
 Sumiu-se aquelle sol bello e fecundo,
 Que tinha seiva p'ra nutrir um povo,
 Que tinha luz para inundar um mundo.

Raro prodigio de eloquencia rara,
 Fugiu da terra p'ra viver na historia ;
 Nos abysmos do nada mergulhára
 Para attingir mais cêdo ao céo da gloria.

Como os Gracchos amára a liberdade,
 Como Christo salvou do captiveiro
 Esta negra porção da humanidade.

Como de dôr um culto reverente,
 As lyras suspendendo no salgueiro,
 Choram as musas o poeta ardente.



UM PE'

(ANTITHESE)

Um pé, como eu já vi, grande, disforme,
Um pé colosso, enorme,
Mais rebelde, mais rijo que o granito,
Que excedia, por certo, em seus limites
A's pyramides do Egypto ;
Que teve a singular propriedade
De com sua grandeza
Fazer tremer a toda humanidade,
E recuar de horror a Natureza !...

Um pé, como eu já vi, feio e caloso,
Como o tronco nodoso
De um carvalho gigante e secular.
Sobre o dorso do qual a Asia inteira
Podia dormir !...
Um pé de causar susto e metter medo,
Um pé descommunal,
Que sem trabalho e sem molhar um dêdo
Atravessava o Oceano Austral !

Um pé, como eu já vi, um pé montanha,
De proporção tamanha
Que é, por certo, impossivel descrever,
Um pé que se gastava, não é pêta,
Um anno a percorrer ;
Que, entre Roma e Carthago collocado,
Annibal não havia
Que por mais corajoso e mais ousado
Lhe tentasse fazer a travessia!

Um pé, como eu já vi, um pé torpêdo,
Que o mais rijo penêdo
Ao chão lançava de uma só topada,

Que para ao sol chegar elle servia
De monstruosa escada ;
Um pé do qual um dêdo era bastante
P'ra fazer o transporte
Da China si quizesse, n um instante,
Vir do pólo do Sul para o do Norte !

Um pé, como eu já vi, grosso, nervoso,
De um cheiro duvidoso,
Atrevido, malvado, carrancudo,
Capaz de derribar, quando irritado,
Montanhas, serras, tudo !
Um pé que p'ra lavar-se precisava
O Mississipe inteiro...
Que n'um par de sapatos só, gastava
Cinco milhões de pelle de carneiro !

Um pé, como eu já vi, de grossas veias
E todas ellas cheias
De um sangue espesso, mau, escuro, immundo,
Que se um dia jorrasse envenenava
O Velho e Novo-Mundo ;
Um pé, que o sabio Papa Leão Santo,
Se tão grande o tivesse,
Podia cada um, cá de seu canto,
Beijal-o, toda vez que lhe approuvesse !

Um pé, como eu já vi, muito pelludo,
Bisonho, cabelludo,
Aonde ia matar os seus desejos
Uma tropa insolente e sanguinaria
De negros persevejos ;
Um pé de esmagar gente e moer flores,
Tão rude e tão pesado,
Que inda mesmo a *vóvó*, com seus terrores,
Nem de leve o teria molestado ;

Um pé, como eu já vi, forte, terrivel,
Um pé indefinivel,
De tão admiravel dimensão,

Que tinha o calcanhar aqui firmado
E os dedos no Japão !
Que, si meu calculo vos merece fé,
Serveria de ponte
Entre a terra do chá e a do café,
Entre o vasto Hymalaia e o horizonte !

Um pé como eu já vi, não é possível
Que outro exista— não ;
Um pé que p'ra chegar-se ao tornozello
E' preciso subir-se n'um balão !
Não é um pé de monte, um pé de vento,
De que falando estou neste momento,
E' o pé de uma moça que eu conheço,
Que si um dia mover-se do logar
Dará mais prejuizos
Que o cholera que esteve p'ra chegar .



C POETA E A FIDALGA

A SEGISMUNDO TEIXEIRA

Bem sei que tú me desprezas,
Bem sei que tú me aborreces,
Que zombas das minhas preces
Com ostensivo desdém ;
Mas não supponhas, não creias
Que este rigor me consome,
Pois, mesmo pobre e sem nome,
Sei desprezar-te tambem.

Bem sei, mulher, bem conheço,
Que fui um louco em fitar-te,

Mais louco ainda em amar-te
Sem consultar a razão !
Aquellas dôces promessas
Que nos teus olhos eu lia
Não eram mais que ironia,
Não eram mais que irrisão.

Eu avalio a distancia
Que nos separa na vida,
Tú tens a aurora florida,
Eu tenho as noite crueis ;
Tú tens um manto de flores,
Que te matiza os caminhos,
Eu tenho sómente espinhos
Que dilaceram-me os pés.

Tú passas indifferente
Por sobre os fundos pezares,
Tens n'alma os gêlos polares,
Em vez da luz do Equador ;
A bella Venus de Millo,
Fêl-a, sem braços, o artista,
A natureza, egoista,
Negou-te os fluidos do amôr.

Não rias... isto é loucura !
Não zombes do desgraçado
Que si não teve um passado
Póde um porvir aspirar ;
Não rias... que da existencia,
A's vezes, no drama infindo,
Quem abre a scena, sorrindo,
Encerra o acto a chorar.

—A fidalguia o que pesa ?
—O teu orgulho o qu' importa ?
Si o ouro me fecha a porta,
A gloria me estende a mão ;
Eu quero antes ser filho
Das muzas, da natureza,

Que ter por mãe a—riqueza,
Que ter por pae—um braço.

Sim ; eu não troco, de certo,
Por teu thesouro fulgente
Uma só nota eloquente
Da lyra do coração ;
Si de custosos brilhantes
Tens tua fronte c'róada,
Eu tenho a minha inundada
Nas chammas da inspiração.

Não julgues que teu futuro
Seja constante de rosa,
A nuvem tempestuosa
Tambem tolda os céos azues ;
Nos escarcéos do destino,
Da sorte na lucta rude,
Só brilha quem tem virtude,
Só vence quem fita a luz.



O NAUFRAGIO DO VAPOR BAHIA

Ao distincto poeta e amigo A. Fernandes

Corria a noite a meio ; em placida derrota
Ia um barco a vogar, qual célere gaivota,
Por sobre o dorso azul da vaga boreal ;
Venus bella ostentáva a sideral grinalda,
Sorria, em baixo, o mar—abysmo de esmeralda !
Sorria, em cima, o céu—abysmo de crystal !

Dormia a criação, sonhava a natureza,
 Trazia a viração na mansa correnteza
 Os perfumes subtis das flôres tropicaes,
 Cortava a quilha esguia o liquido espumoso,
 Emquanto da fornalha o fumo caprichoso
 Doudejava a subir em negras espiraes.

O rumo era feliz, o norte lisonjeiro,
 O piloto na agulha, ao leme o timoneiro,
 O braço sobre a roda, os olhos n'amplidão ;
 Era deserto o ar, silencioso o espaço,
 Só se ouvia da helice o lugubre compasso,
 Como enorme pulsar de enorme coração.

Inda vinha bem longe a loira madrugada,
 Quebrava manso a vaga ao longo da amurada,
 Cuspindo no convéz as perolas de azul ;
 Fugia a terra além, nas curvas do horizonte,
 E o marinheiro audaz erguia a bronzea fronte,
 Examinando o norte, interrogando o sul.

Rompia a calma, só, o echo da sinêta,
 Na prôa tremulava a pallida grisêta,
 Na pôpa era arreado o patrio pavilhão ;
 Deixava o barco, após, phosphorescente esteira,
 Era o sulco final, a trilha derradeira
 Que traçava do mar na immensa vastidão.

Era impossivel crêr que a mão do fatalismo
 Cavar podesse, atroz, um pavoroso abysmo
 Para sorver assim tão gratas illusões ;
 Era incrivel pensar que vagas tão serenas
 Contivessem no seio a furia das hyenas,
 Os impetos febris dos rabidos vulcões.

Desengano cruel ! Na esmeraldina alfombra
 Resvala uma outra náu, perpassa uma outra sombra,
 De opposta direcção, mas de destino equal ;
 E ao longe da coberta um echo, então, resôa,

Do vigia a bradar : *Alerta ! Vêla á prôa...*
Era tarde de mais p'ra conjurar o mal !

Ao rebate veloz desperta a marinhagem,
E sublime de amor, immenso de coragem,
Assoma o busto audaz do bravo capitão ;
Baldado era o combate, um choque violento
Fez o barco oscillar, n'um rapido momento,
Das cimas do velame aos antros do porão !

Diffundira-se o horror ; tomada de surpresa,
Extincta a luz da fé, offegante, indefesa,
Por cima do convéz corria a multidão ;
Arquejava o piston, gemia o tombadilho,
E para completar o lugubre estribilho
Só faltára o fragor do lugubre trovão.

Perante tanto horror não mais o stoicismo !
Do pranto o phrenesi tocava ao paroxismo,
O spasma da dôr chegava á embriaguez...
Dez minutos fataes de maguas, de amargura,
Bastaram só p'ra abrir na vida ignota, escura,
O abyssmo á orphandade, a porta á viuvez.

A' surpresa infeliz seguiu-se a lucta insana,
Impossivel, cruel, heroica, sobrehumana,
De braços nús fendendo o humido lençol ;
Na vertigem voraz de tão triste abandono
Uma taboa qualquer valia quasi um throno,
Um resquicio de luz valia mais que um sol.

E o *monstro*, então, perdeu tão bellas esperanças,
Sem respeitar, sequer, as timidias creanças,
Lançando sobre a dôr o seu desdém alvar ;
Serviu de cyrio—a luz dos vaporosos astros,
De confessor o céu—de cruz—os longos mastros...
Era o sudario a noite, de cemiterio o mar.

E quando o velho Isac, o filho do oceano,
Exgotado suppôz o esforço todo humano,

Cançado de lutar, descrente de vencer,
Fitou sereno o céu, e, os braços sobre o peito,
Deixou-se assim morrer, da morte satisfeito,
Por ter, até ao fim, cumprido o seu dever.

Buscar a salvação julgava cobardia,
Abandonar o posto era apagar num dia
As glórias conquistadas á luz de tantos soes !
De tudo se esqueceu no tetrico momento
Só para conservar no craneo um pensamento :
—Que o mar devia ser a campa dos heróes !

E enquanto a pobre não que vinha lá do norte
Se estorcia á mercê das convulsões da morte,
De uma noite estival, na densa escuridão,
Ia a outra a fugir, ingrata cobardia !
Ouvindo no convez os gritos da agonia,
Deixando a fluctuar—o lucto e a maldicção.

Mais tarde, quando o sol ergueu-se lentamente
Bordando de setim as fimbrias do Oriente,
E dos valles a flôr abria-se a sorrir,
Viu-se um vulto occultar na pallidez das brumas :
Um navio de menos á tona das espumas,
Um espectro de mais á tona do porvir.



INDEPENDENCIA OU MORTE

A' patriótica redacção da "Gazeta da Tarde"

*Recita-la no Festival Abolicionista, em 14 de Julho de 1887 no
Theatro S. João.*

Eu que admiro a geração dos Gracchos,
Que aspiro as luzes de um progresso novo,
Eu que do povo commemoro os feitos,
Porque sou filho deste mesmo povo ;

Eu que colloco a Liberdade augusta
Acima, além de um egoismo stulto...
Eu que não faço da miseria um throno,
Do preconceito um vergonhoso culto ;

Eu que pertenço a legião dos moços,
Moços que applaudem, com febril calor,
Do Amazonas—o concêrto enorme,
Da *Marselheza*—as convulsões de amor ;

Eu que detesto da nobreza os faustos,
Que só procuro da verdade o templo,
Tendo por guia a consciencia livre,
E o proprio Christo por sublime exemplo ;

Eu que renego das bastardas crenças,
Eu que protesto, com sincero ardor,
Contra o castigo que se chama—tronco,
Contra o sicario que se diz—senhor ;

Eu que só preso da virtude o brilho,
Eu que só quero da justiça a lei...
Que tanto amo esta palavra—Povo,
Como detesto esta palavra—Rei ;

Eu que contemplo duas glorias justas,
Que sinto a queda de um poder fatal...
Que vejo Hugo, no mesmo céu de Andrada,
E a propria França em meu paiz natal !...

Venho pagar o meu tributo santo,
Cantar na lyra divinal, homérica,
O grande feito dos heróes da Europa,
Nas livres plagas da fecunda America ;

Venho pedir que se desterre o monstro
Que a pura seiva do porvir consome,
Quer elle tenha de sensala a forma,
Quer elle tenha de Bastilha o nome ;

Venho affirmar que uma porção de bravos
Rasgou do erro os tenebrosos véos,
Que mais um anjo appareceu na terra,
Que mais um sol appareceu nos céos ;

Venho dizer que se alimente a chamma
Do vasto incendio que partiu do Norte ;
Soltar á face do paiz um grito :
Revolta ou luz—INDEPENDENCIA OU MORTE !...



A' ADELIA NAGHEL

NA NOITE DO SEU BENEFICIO

Quando chegas ao palco o povo se extasia,
Te cerca de ovações, de afagos, de laureis ;
Uma onda de luz vai inundar-te a fronte
E uma chuva de flôr vai te cahir aos pés.

Quando chegas ao palco o templo se illumina,
A Consciencia applaude, a natureza ri ;
A vóz da sympathia attinge ao fanatismo,
A febre dos applausos excede ao phrenesi.

Quando chegas ao palco a scena se transforma,
Quer desprendas um riso ou firas um bemól ;
O raio faz-se chamma, a chamma faz-se aurora,
A aurora faz-se estrella, a estrella faz-se sol.

Quando chegas ao palco um mundo estranho surge
De ignotas sensações, de estranhas harmonias ;
A alma se evapora em sonhos côr de rosa
E sobe o pensamento ao céu das utopias ;

Quando chegas ao palco a onda do delirio
Espuma, anceia, estúa e cresce e sóbe mais ;
Quem vive, assim, colhendo os louros da victoria,
Não receia affrontar o preconceito audaz.

Quando d'aqui partires, em busca de outras plagas,
Nas azas do idéal, nas azas do condor,
Oh, astro deslumbrante, oh, peregrina estrella,
Conduz as nossas flôres e deixa o teu fulgor.

Este tufão de—*bravos*, este escarcéo de palmas,
Que vês hoje agitar o mar do coração,
E' do talento augusto o colossal tributo,
Dos genios immortaes a enorme sagração.

Caminha... segue sempre a senda gloriosa,
A senda que os heróes ao Panthéon conduz...
O Genio é como o céu, o Genio não tem marco,
Nunca lhe é demais um pedestal de luz.

Tú que possues, Adelia, um privilegio santo
Na arte de agradar, na arte de attrahir,
Semeia em teu caminho os louros do presente,
Que, em breve, colherás as glorias do porvir.



A ALVARO FERREIRA

NA NOITE DO SEU BENEFICIO

Tú, que das veigas lusitanas, bellas,
Vieste ás plagas brazileiras, cerulas,
Para colher mais um collar de perolas,
P'ra conquistar mais um trophéo de estrellas ;

Tú, que na fronte juvenil, virente,
Tens a sublime inspiração de Talma ;
Tú, que traduzes o que sente a alma,
E adivinhas o que vai na mente ;

Tú, que desferes, com febril magia,
Todas as notas que a paixão encerra,
Que a noite fazes transformar em dia...

Terás teu busto no painel da historia,
Terás no drama as oblações da terra,
Terás no palco o pedestal da gloria.



A' memoria do Visconde do Rio Branco

Existe um nome divinal sublime,
Q' os fastos doira da brazileia historia,
Que a grande esphera ha de correr dos sec'los,
Colhendo applausos, conquistando gloria ;
Existe um vulto de sagrado porte.
Que, com seu verbo que as paixões domava,
Fez das cadeias um collar de luzes,
— Salvando o ventre da mulher escrava.

Existe uma alma generosa, athletica,
Alma fundada no crysol da fama,
Que fez a vida resurgir da morte,
Do frio gèlo rebentar a chamma ;
Existe um genio de um prestigio enorme,
Filho da patria de Moema brava,
Que deixou livre a geração futura,
— Salvando o ventre da mulher escrava.

E' Rio-Branco --o Redemptor moderno,
O Patriarcha legendario, augusto,
Que soube, heroico, repellir aggravos,
Quando sagrava da Justiça o busto ;
E' Rio-Branco, este condor do Norte,
Que a flôr das crenças dos paúes salvava,
Firmando os brios da nação sem vida,
— Salvando o ventre da mulher escrava.

Eu vejo-o sempre, magestoso e nobre,
De frente erguida, de sereno olhar,
No sabio livro do porvir dourado
A lei mais santa, com fervor, sellar :
E vejo ainda no calor da lucta,
Da liberdade manejando a clava,
Saltar abysmos, destruir montanhas,
— Salvando o ventre da mulher escrava.

Ah ! não temia uma derrota ingloria,
Nem o detinha o preconceito estulto !...
E' que elle via na senzala ignobil,
A' grande patria, um desleal insulto.
De mil tormentas affrontando as furias,
De mil vulcões asphixiando a lava,
Vingou a honra do paiz descrente,
— Salvando o ventre da mulher escrava.

Sim, esta lei é um resgate justo,
Limpha divina de um baptismo novo,
Firme protesto de um civismo eterno,
Em nome feito do porvir de um povo ;
Sim, esta lei immaculada e pura,
Polé bemdita d'ambição ignava,
Fez de Paranhos—Brazileiro Christo,
— Salvando o ventre da mulher escrava.



IMPOSSIVEL

A AUGUSTO WANDERLEY

Impossivel, meu Deus, oh, impossivel !
Echo fatal a resvalar terrivel
Pela esphera enganosa da illusão !
Impossivel ! me brada a consciencia,
Mas nas ancias frementes da demencia,
E' mentira, protesta o coração.

Viver e não viver—fatal problema !
Amar e não amar— cruel dilemna
Duplo combate que me faz soffrer !
Quero esquecel-a, com mais ancia a chamo,
Tento buscal-a, no dever me inflammo,
Impossivel, assim, ser e não ser.

Duas forças me tornam mudo e quêdo :
Uma me atira n'um fatal degredo,
Outra me prende na polé do amor ;
Si parto--a alma de saudade esmago,
Si fico--o brilho da virtude apago...
Impossivel, tú és o meu horror !

Lucta cruenta ! tetrica voragem !
Por fóra a sombra de gentil miragem,
Por dentro a luz d'uma verdade atroz ;
Barco a vogar no mar do fatalismo,
Uma onda me arroja a fundo abysmo,
Outra onda me eleva a puros soes.

Folha varrida por tufões bravios,
Feneco aos beijos dos ethereos frios,
Cresto-me ás lavas de um vulcão fremente ;
Ah ! neste horrivel temporal desfeito,
Sinto um punhal atravessar-me o peito,
Sinto a vergonha fustigar-me a mente.

Nauta feliz, eu navegava em calma,

As brizas mansas me inspiravam n'alma
Da mocidade a mystica canção,
Mas um falso pharol fere me os olhos,
Então, desfeita nos fataes escolhos,
Naufraga a fé, sossobra o coração.

Romeiro, eu demandava amigo porto,
Peregrino, buscava ameno hórto,
Do futuro no sólo promissor ;
Parece incrível tão cruel verdade !
Escravo —eu quiz a flôr da liberdade,
Livre —os espinhos procurei do amor.

Impossivel ! oh, céus ! dura sentença !
Ter na fronte serena um' aurea crença,
Ter no peito revoltado um negro horror !
Fitar o céu e desejar a terra,
Fugir aos gozos que a ternura encerra,
Soluçar de prazer, sorrir de dôr.

Impossivel é vêr-se a fonte perto,
E desprezar-se a agua no deserto,
Já quando a bôcca estala resequida ;
A flôr fugir aos beijos da phalena,
Christo negar perdão á Magdalena,
Fausto deixar de amar á Margarida.

Impossivel é ter duplo delirio,
Gozar venturas no cruel martyrio,
Entrar nas trevas p'ra fitar a luz ;
Ver uma rosa sem furtar-lhe um beijo,
Cevar o crime, sem corar de pejo,
Viver da fé e renegar da Cruz.

Impossivel ! da lucta estou cansado,
Verme —subi ao céu puro e doirado,
Condor —desci do charco á podridão ;
Vaporosa illusão da mocidade !
Cégo —busquei a aurora da verdade,
Vidente —quiz as trevas da paixão.

Mas o que resta d'esse amor descrente ?
Negra ruina que asphixia a mente,
Que mata a esp'rança, que restringe o bem,
Oh ! não ! ácima da paixão terrivel,
Desse abysmo fatal, desse impossivel,
Existe a gloria me sorrindo além.

Basta, mulher ; eu fujo de teus braços,
E' preciso romper os torpes laços
Que me tentam prender o coração...
E' debalde ensaiar meigo sorriso,
Tú és o inferno, e eu quero o Paraizo,
Tú és o crime, e eu quero a Redempção.



DESENGANO

Não vês aquella branca e pura véla
Que se perde na curva do oceano,
Já sem leme, a vogar a todo panno,
Fugindo ás furias da voraz procella ?

Não vês aquella estrella transparente,
Que desmaia, descóra e, n'um momento,
Se desprende do azul do firmamento,
Para cahir nas sombras do poente ?

Não vês, inda ao sorrir da meiga aurora,
Como aquella saudade se estiola,
Sem um beijo de orvalho na corolla,
Sem um raio de luz consoladora ?

Não vês aquelle flóco de cambraia,
Aquella espuma nivea e crystallina,
Que, embalada na vaga esmeraldina,
Resvalla, corre e vai morrer na praia ?

Não vês aquella nuvem feiticeira,
Como um cysne de um lago no regaço.
A fugir, a fugir doida no espaço,
Té desfazer-se em humida poeira ?

Sabes isto o que é ?--A branca véla,
O astro, a espuma, a nuvem e a saudade,
E' minh'alma, talvez, que se despede
Das gentis illusões da mocidade.



A' SOCIEDADE 13 DE MAIO

Fu contemplo, feliz, estes prodigios d'arte !
São sempre divinaes as glorias do proscenio ;
Como os clarões da aurora, o esplendor do genio
E' grande em todo tempo, é bello em toda parte.

O drama é uma licção ; o palco é uma eschola,
Alli só a virtude alcança um agasalho ;
Santifica-se o amor ! eleva-se o trabalho,
O cégo encontra luz, e o pobre encontra a esmola.

E vós, que tendes n'alma um pensamento puro,
Vós que sabeis colher, das luctas na pujança,
As flores do presente, os louros do futuro,

Tereis no Pantheon mais luminoso accesso,
Cantando ás multidões os hymnos da esperanza,
Abrindo ao povo, inteiro, as portas do Progresso !



LE MONDE MARCHE

Desperta a Natureza, em magestosa festa,
Aos beijos tropicaes da loira madrugada ;
Ha idyllos de amor no seio da floresta,
Epopéas de luz na esphera constellada.

N'um espasmo febril de delirante accesso,
O mar atira á praia um turbilhão de espumas ;
E o sol, fecundo e bom, das lettras do progresso,
Dissipa do futuro as pardacentas brumas.

Aqui, ergue-se um templo á santa Liberdade,
Alli, a consciencia applaude uma Verdade,
Além, surge uma idéa esplendorosa e sã...

A alma se dilata, o seculo se levanta,
A mocidade marcha, o mundo se adianta,
E tudo segue a lei do grande Pelletan.



CATASTROPHE

A' memoria do insigne patriota Silva Jardim

Evocado, talvez, por força extranha,
Assombrado de ver tanta victoria,
Elle se arroja aos **cimos da montanha**,
Como attingira ao vertice da gloria !

Era grande de mais a sua empreza,
Ia além da razão o seu intento ;
Mas não teme affrontar a natureza
Quem consegue vencer o sentimento !

E quando, assim, sublime elle se erguia
P'ra arrancar ao vulcão a lava ardente
E fulminar com ella a monarchia...

Basta ! lhe brada a vóz da Majestade...
E alli tombou, legando ao mundo inteiro
Silvas de Luz, Jardins de Liberdade !



O ECHO DA LIBERDADE

Das margens do Ypiranga,
Ao reboar dos canhões,
Ergueu-se, bello e divino,
O anjo das redempções ;
Voou, e lá debruçado,
No regaço do infinito,
Como uma aguia de granito,
Contemplou as multidões.

Era a deusa Independencia
Que acabava de surgir ;
Era a santa Liberdade
Que despertava a sorrir ;
Trazia na fronte augusta
Do Genio—o fôgo estampado,
N'um' aza—tinha o passado,
Na outra—tinha o porvir.

E das espheras banhadas
Por mil scintellas de luz,
Desceu aos cimos agudos
Das cordilheiras azues ;
Nos labios—tremeu lhe o verbo,
Nos olhos—a chamma ardente,

E, então, clamou de repente—
A' terra da Santa-Cruz :

« Sou filha da humanidade,
Mas colhi raios de Deus ;
Meu berço tenho na terra,
Mas minha patria é nos céos :
Dos povos as crenças puras
Vou das trevas libertando,
Aos continentes voando
No dorso dos escarcéos.

« Sou eu quem move o vehic'lo
Das grandes revoluções,
Quem ergue do cataclysmo
As decahidas nações ;
Quem mostra, além, no horizonte,
A' multidão já descrida,
—A Chanaan promettida,
—O céu das restaurações.

« Sou astro de cujo centro
Se expandem fulgores mil ;
Sou fóco donde irradia
Da liberdade o fuzil ;
Irei plantar a verdade
—No mar, no céu, no infinito,
Té no seio do granito,
Farei brotar-a gentil.

« Embalde a vil tyrannia
Ao patib'lo me conduz,
Sou como a hydra de Lerna,
Que sempre se reproduz,
Si nas luctas do progresso,
Hoje, succumbo vencida,
Surjo, amanhã, com mais vida,
Mais transparente de luz.

« Quebro as cadeias infames

Da nefanda escravidão,
E das espadas dos bravos
Faço um altar na amplidão ;
Tenho por throno—o universo,
Por sendal—a immensidade,
Por crença—tenho a verdade,
Tenho por lei—a razão.

« Nos meus cabellos esparsos
Trago as c'róas dos heróes ;
São os trophéos da victoria,
São do futuro os pharóes ;
Tem cada c'rôa um renome,
Uma epopéa, uma historia,
Tem cada estrophe—uma gloria,
Tem cada gloria—mil sóes.

« Tombe o cruel barbarismo,
Quebre-se a impia polé,
De cada escravo resurja
Novo Espartaco, de pé ;
Seja a patria altiva e livre,
Livre a idéa, livre a crença,
O pensamento, a imprensa,
Livre a razão, livre a fé.

« Escravo !... quem diz escravo
Diz—tyrannia, oppressão ;
O servilismo é um torpedo
Na senda da illustração ;
E onde brilha constante
O bello sol da egualdade,
Palpita a fraternidade
Nas fibras do coração.

«[Salve, Brazil glorioso !...
Salve, filho de Cabral !...
Já surge em vosso horizonte
Nova aurora boreal...
Exultai, filhos da patria,

Cantai hymnos de alegria,
Que nas vascas da agonia
Torcem-se os genios do mal.

« Sêde heróes, bravos, atletas,
Em prôl da santa verdade,
Que ficará vossa historia
No livro da eternidade...
Marchai, que é nas luctas nobres
Que o homem se immortalisa,
Tendo sempre por divisa :
—Deus, Sciencia e Liberdade.



EU E TU'

Eu sou a rosa murcha do deserto,
Que morre, que fenece aos quentes beijos
 Dos raios tropicaes ;
— Tú és o lyrio puro da collina,
Que brilha, que revive aos niveos prantos
 Das brumas matinaes.

Eu sou a debil concha que se agita
Aos embates da onda procellosa
 Nos negros escarcéos ;
— Tú és a per'la d'ouro que se embala
Das espumas no seio transparente,
 Beijada pelos céos.

Eu sou a flor sem brilho que definha,
Crestada pelas chammas d'ardentia,
 Queimada pelos sóes ;
Tú és a borboleta d'aurea coma,
Que vôa, que espaneja em verdes balsas,
 Sorrindo aos arreboés.

Eu sou o grito extremo d'agonia,
Que vai de gruta em gruta reboando
Perder-se na amplidão ;
Tú és a nota santa d'harpa eolia,
Que vem n'aza da brisa vespertina
Prender-me o coração.

Eu sou o pranto amargo do proscrito,
Que transborda dos olhos macerados
Por vigílias de amor ;
Tú és o riso santo, meigo angelico,
Que dos labios trementes, semi-roseos,
Se expande encantador.

Eu sou cégo viajor sem rumo certo,
Que busca além, nas veigas do infinito,
Uma visão de luz ;
Tú és da rosea aurora a c'rôa vivida,
Que se erguendo do leito de esmeraldas
Circumda os céos azues.

Eu sou a branca nuvem que desfaz-se
Aos bafejos gelados da descrença,
Em gottas de crystal ;
Tú és a pomba imbelle da innocencia,
Que modúla nas franças dos salgueiros
Um hymno divinal.

Eu sou o vate triste, o bardo ignoto,
Cujas crenças fugiram tão velozes
Qual foge a cerração ;
—Tú és o lindo anjo de meu sonho,
O astro louro de meu céu de flores,
A minha inspiração.

Eu sou das vastas plagas, rubras, torridas,
Palmeira que se verga ao sopro rabido
Do vento abrasador ;
—Tú és o beija-flor de aza iriada,
Que das rosas virentes da esperança
Liba o orvalho do amor.

Eu son... basta !... talvez eu seja um louco,
Martyr sem crença, sem porvir, sem beijos,
Infundo Prometheu...
—Tú és o berço santo da innocencia,
Onde, em focos de luz, a poesia,
Sorrindo, adormeceu.



A RAINHA DO BAILE

A' M...

O sol se obumbrava no seio das vagas,
O manto da noite descia dos céos,
E os anjos ethereos sorrindo accendiam
Os fochos brilhantes no templo de Deus.

Que noite serena ! que noite de encantos...
Dir-se-ia a cortina de um berço de amor ;
As flores pediam—bafejos á brisa,
As selvas pediam—perfumes á flor.

Foi, sim, nessa noite qu' eu vi-a nitente,
Cingida de focos de luz divinal ;
Os genios diriam :—visão deslumbrante
Formada de um raio, talvez, sideral.

Vestida de gase, qual cysne nevado,
Boiando n'um lago de vagas azues ;
As niveas boninas não eram tão puras,
Os risos d'aurora não tinham mais luz.

As conchas de nacar talvez invejassem
Seus madidos labios, quaes rosas d' abril ;
Cytherea surgindo das brancas espumas
Não era tão casta. tão bella e gentil.

Fallava—era um hymno das harpas divinas ;
Sorria—era um osc'lo d'aurora na flor ;
Scismava—era um anjo n'um berço de nevoas,
Tranquillo, enleiado n'um sonho de amor.

A flor que se agita no debil pedunc'lo,
Cedendo aos afagos da brisa fugaz,
Não tem, como ella, belleza nem graça,
Nos ternos deliquios da dança fallaz.

Eu vi-a, e ao vêl-a risonha, garbosa,
Minh'alma se eleva, se agita, se esvai ;
No seio um suspiro, na fronte—uma c'roa.
Nas faces um beijo, nos labios um ai.

As orlas brilhantes das nuvens doiradas,
Aos raios fulgentes do baio luar,
A côr semi-loira de suas madeixas
Talvez, invejosas, quizessem roubar.

Quem era esta diva que assim se ostentava
Qual Vesper nas veigas serenas de anil ?...
Si os astros fallassem diriam sorrindo :
—Foi ella a rainha do baile gentil.

Rainha no gesto—que prende, que enleva,
Rainha na graça—que mata e seduz ;
Embora contestem, murmurem – mentira :
Cingiste a corôa de gloria e de luz.



EU VI-TE

Eu vi-te, sim ; oh, candida Celina,
Seductora, divina,
Anjo de neve em berço de setim,

Na face a provocar de amor um beijo,
Eu vi tremer o peijo,
Como a rosa de pet'las de rubim.

Eu vi-te, n'uma tarde de relento,
A coma solta ao vento,
Como um manto de luz nos brancos hombros,
Tremente, soluçava o niveo seio,
Em palpitante anceio,
Neste anceio que mata e causa assombros.

Eu vi-te nos meus sonhos amorosos,
Sublimes, vaporosos,
Meiga, serena, terna, angelical,
Na frente pura e cheia de fulgencia
Brilhava da innocencia
— A corôa transparente e virginal.

Depois... vi-te no baile e, fascinado,
De amor louco, abrasado,
Declarei-te, a sorrir, minha paixão ;
Coraste como a concha purpurina
Aos beijos de uma ondina,
Mas, oh ventura !... não disseste—não !

E hoje te descubro n'uma estrella,
Da não na branca véla,
—No céo, na neve, no jardim, na flor,
E, do deserto na fugaz miragem,
Eu vejo tua imagem,
Visão sublime de meu grato amor.



O COLLAR

(A PEDIDO)

O dia tombava nos braços da noite,
Eu via-a á janella tranquilla a scismar ;
As tranças beijavam-lhe as niveas espaduas,
Beijava-lhe o collo

Purpureo collar.

Ao vêl-a tão terna, meu seio estremece,
Minh'alma se expande n'um languido olhar ;
Meu Deus, eu trocára cem annos de vida
Por uma só pedra do

Lindo coilar.

A per'la mimosa na concha mais fina,
O astro mais puro no céo a brilhar,
Não têm mais belleza, mais graça, mais mimo,
Que tem o seu collo -

Cingindo o collar.

Os genios que cantam na lyra d'Apollo,
Nas noites serenas do loiro luar,
Dariam mais hymnos, mais trovas ardentes,
Ao collo enlaçado—

No rubro collar.

Uns olhos que fulgem—produzem anceios,
Um seio que treme—nos faz delirar ;
Porém um contorno de collo de cysne
Nos mata de amores—

Sujeito ao collar.

As brisas que passam nos bosques amenos,
Beijando de leve gentil nenuphar.
Teriam receio, roçando de manso,
Quebrar as cadeias

Ao debil collar

A luz das espheras, as rosas d'aurora,
Os raios fulgentes do astro pollar,
Talvez não podessem fingir subtilmente
A côr purpurina

Do rico collar.

As flores 'stão presas á haste virente,
Os fructos doirados—ao grato pomar,
Mas eu 'stou captivo, confesso meu crime,
Das pedras mimosas—

Do puro collar.



UM SONHO

Na hora em qu' as vagas nos mares desmaiam,
E as aves dormitam no verde pomar,
E as selvas se cobrem de gôttas de luzes
De mil vagatumes que brincam no ar,

Eu vi-a qual anjo das veigas ethereas,
Visão peregrina, formoso ideal,
Dir-se-ia formada de risos da aurora
Ou fada embalada n um céu de crystal.

As tranças sedosas cahiam dormentes
Nas alvas espaduas de puro marfim,
E o collo de cysne tremia, anciava,
Nas dobras macias do niveo setim.

Seus olhos repletos de **meiga doçura,**
Mais puros que o lago, **mais bellos** que o sol,
Rojavam scentelhas de **humidas chammas,**
Que fundem dois peitos no mesmo crysol.

A face era pura, corada de leve,
Talvez, por um osc'lo da rosea manhã ;
A lua si a visse nas scismas da noite,
Beijando-lhe a fronte, chamava lhe irmã.

Su'alma era um sonho gentil de creança,
Um ai, um soluço das harpas do amor,
Um leve gorgueio das aves que trinam,
Talvez, o perfume subtil de uma flor.

As vestes dir-se-iam formadas de pennas,
De flocos de espumas, de gazes subteis ;
O cysne invejára-lhe as fôrmas de neve,
A rosa invejára-lhe os labios gentis.

E a virgem cantava na lyra dos genios :
--Sou filha das nevoas, sou filha do mar ;
--Me embalo nos ninhos das auras celestes,
-- Contente na vida so quero te amar.

Mas logo, desperto de um sonho tão grato,
Só vi o deserto de brumas sem fim...
Perdera-se o canto no azul das espheras
E a belia miragem fugira de mim.

Tu eras o anjo que assim me fallavas,
Tu eras a virgem que em sonhos eu vi,
Na hora em que as flores se abrem nas selvas,
E dorme no ninho gentil colibri.



SOSINHO

Ai ! deixa-me chorar aqui sosinho,
Qual beija-flor que chora o alvo ninho
Que o vendaval roubou ;
Deixa-me, que, no abysmo de amarguras,

Sumiu-se o manto azul de mil venturas
Que minh'alma sonhou.

Triste, sem fé, vivendo aqui proscripto,
Busco um raio de luz pelo infinito,
Só vejo a cerração ;
Lanço os olhos no céu—nem uma estrella,
Descubro além o mar—nem uma vela,
Que indique a salvação.

Olho a terra também—não vejo flores,
Meu peito não tem crença nem amores,
Minh'alma não tem luz ;
Do que serve sonhar sem ter ventura ?
Do que serve viver sem a ternura
De um anjo que seduz ?...

Talvez ! Foi n'uma tarde de neblinas...
As auras se beijavam e as ondinas
Brincavam lá no mar ;
Ella passou, divina, me sorrindo,
E eu a segui em seu marchar infinito
P'ra mais nunca voltar...

Corri, voei, em busca desta imagem,
Qual invio viajor busca a miragem
De um deserto sem fim ;
Aos prados perguntei, verdes risonhos,
—Vistes, acaso, o anjo de meus sonhos ?
E elles disseram—sim . . .

A flor me respondeu—dei-lhe perfumes,
O sol—dei-lhe meus raios, dei-lhe lumes,
O céu—eu dei-lhe luz ;
A brisa disse—as faces afaguei-lhe,
A linda borboleta—eu emprestei-lhe
Minhas azas azues ;

A ave murmurou —eu dei-lhe cantos ;
A neve—eu orvalhei-a com meus prantos

De crystallina côr ;
Então lhes retorqui, com voz sentida :
— Eu dei-lhe muito mais, eu dei-lhe vida,
Eu dei-lhe meu amor.

E caminhei depois, em rumo incerto,
Té que, cansado no voraz deserto,
Louco de dôr, parei ;
E alli, prostrado na poeira ardente,
Tendo a saudade a comprimir a mente,
Então, muito chorei.

E morrerei proscripto, assim descrente,
Minh'alma aneia n'um soffrer pungente
Que meu pranto traduz ;
Terei por prece—a rouca ventania,
Por sudario, talvez—a ardentia,
Por tum'lo—um chão sem cruz.



DOUS DE JULHO

Dous de julho ! neste dia
Correu sangue e jorrou luz ;
Inda sibilam as balas
Por sobre os cabeços nós !
De fogo tingiu-se a esphera,
Como se vasta cratera
Cuspisse chammas ao céu ;
Da lucta o grande oceano,
Ergueu-se soberbo, ufano,
N'um pavoroso escarcéo.

Era o combate sangrento
Do passado e do porvir ;

Choque de dous pensamentos
 Que fez-se no mundo ouvir ;
 As aguias do heroismo
 Iam de abysmo em abysmo,
 Grandes, sublimes, gentis,
 Rasgando a rubra toalha,
 Ao gargalhar da metralha,
 Ao scintillar dos fuzis.

Eram craneos que estalavam
 A' luz da revolução ;
 Era o céu que gottejava
 O pranto da salvação ;
 Passava o vento ululando,
 Pelas florestas, beijando
 As tranças dos palmeirae ;
 E o fumo subia ardente,
 Como funerea serpente,
 Em terriveis espiraes.

Como as lavas de Vesuvio
 Que devastaram Pompéa,
 Do choque de dois athletas
 Irrompe a sagrada idéa ;
 Confundem-se os elementos,
 Rugem gigantes sedentos,
 — Duello enorme de heróes —
 Silencio ! abriu-se um abysmo,
 E o busto do despotismo
 Treme, quebra e tomba, após !

Ha dias grandes na historia,
 Que valem sec'los de luz :
 Triumphos que se assemelham
 Aos sacrificios da Cruz...
 Dous de julho é mais que um dia,
 Symbolisa a enorme pia
 De mil baptismos de heróes ;
 — E' ninho de mil condores,

— E' berço de Adamastores,
— E foco de muitos sóes.

E' bello, heroico, morrer-se
Como morrera Sansão,
Mudar o sangue das veias
Na seiva da redempção ;
E' bello ter por mortalha
A rubra, immensa, fornalha,
Accesa pelo fusil ;
Das almas electrizadas
Fazer brilhantes espadas
Para salvar o Brazil .

Ha glorias que não se inscrevem
Nos peitos dos Briareus ;
Um livro é pouco p'ra ellas,
Ficam gravadas nos céos ;
São glorias que divinizam,
São glorias que immortalisam,
Maiores que as de Aboukir...
Quaes pyramides do Egypto,
Mostrando sempre o infinito,
Fitando sempre o porvir.

Não choreis, oh, patria livre,
Os bravos do Pirajá ;
Elles commungam na meza,
Bem juntos de Jehovath ;
Martyres de gloria tamanha,
Têm um mundo- por peanha,
O infinito—por cruz !
E' que a semente dos Gracchos,
A geração de Spartacus,
Não morreu, inda produz !



O céo, n'um sonho divino,
Olha a terra, beija e ri ;

Ouvem-se hymnos ardentes
Como psalmos de David...
E' a liberdade que canta,
O mundo que se levanta
Saudando os nossos avós ;
E' o bater de mil azas,
De mil condores de brazas,
Levando ao collo os heróes.

Saudemos o grande dia,
Saudemos a liberdade !
O idéal transformou-se
Em pura realidade !
Basta um só clarão de gloria
P'ra eternisar a memoria
De uma briosa nação ;
P'ra firmar-se a Independencia
Basta—Luz, Valor, Sciencia,
Christo, Hugo, Napoleão.



ADEUS

Adeus ! no dorso azul das salsas vagas,
Triste, me parto em busca de outras plagas,
De estranho e novo céu ;
O barco deixa a praia verdejante
E vai ligeiro, além, muito distante,
Sumir-se no escarcéo.

O vento entoa um hymno de saudade,
E lá no extremo azul da immensidade
O céu abraça o mar ;
—São dous atletas contemplando os Andes,

— Dous infinitos que se estreitam, grandes,
Cançados da lutar.

Suspira a natureza, a brisa anceia,
E o sol doirado em prantos cambaleia
N'um lago de carmim ;
Beija-lhe a terra a rubicunda fronte,
E elle lhe sacode do horizonte
Um manto de rubim.

Surgem no espaço os scintillantes lumes,
Quaes saphiras ou louros vagalumes
Dos campos do Senhor ;
E os colibris de fulgurantes côres
Dormitam ebrios dos subtis amores,
No regaço da flor.

.

E o barco, mais ligeiro, deslisava
Como garça vistosa que rasgava
O seio da amplidão ;
Olhei... vi-me sosinho, sem um beijo,
Foi um triste soluço o meu arpejo,
Um ai minha canção.

As nuvens, como pombas erradias,
Saudavam, docemente fugidias,
O despedir do sol ;
Lancei meus olhos pelo mar infindo,
Então, vi na penumbra ir-se sumindo
O magico pharol.

De meus olhos rojara uma torrente,
Comprimia minh'alma uma corrente,
Sangrava o coração ;
E, no dorso da vaga esmeraldina,
Mandeí meu pranto á virgem peregrina
Que matou-me a razão...

Amor sem ter esp'rança é vã mentira,
Pranto de neve em olhos de saphira,
 Infinito sem luz ;
Deserto, sem miragens deslumbrantes,
Firmamento, sem astros rutilantes,
 Religião, sem cruz.

—Adeus ! Natal querido de minh'alma,
Berço feliz onde dormi em calma
 E vi doirados céos ;
—Adeus ! meus paes, irmãos, amigos, tudo :
Adeus... eu gemo... eu morro... eu fico mudo :
 —Adeus, Celina, adeus !



AMOR EXDRUXULO

Porque me lanças esta luz malefica !
Sê mais benefica, dá-me olhar mais placido ;
Não me atormentes com o fatal flagicio,
Calma o supplicio de meu peito flacido.

Minh'alma aneia n'um amor platonico,
Já estou carbonico, de uma dôr tão calida ;
Si o mal perdura, morrerei maniaco,
'Stá no Zodiaco minha estrella pallida.

De tantas maguas tenho a mente elastica,
Gyra phantastica minha crença exotica ;
Tenho na frente da desgraça o distico
—Martyrio mystico de uma illusão optica.

Embalde dei-te uma paixão vulcanica,
Mulher satanica, de semblante rigida ;

Embalde, embalde contemplei-te extatico,
Fiquei lunatico, tú ficaste frigida.

Dei-te mil hymnos n'um estylo logico,
Fui pedagogico, de sciencia rórido ;
Embalde, embalde me tornei poetico,
Sim, fiquei ethico de cantar-te, florido.

Dei-te a coroa de brilhante esthetica,
Zombaste, heretica, d'esta c'roa vivida ;
Tinha meu craneo qual voraz canicula,
Mas tú, ridicula, m'insultaste, livida.

Ai ! não me chames coração lymphatico,
Mancebo apathico de um olhar funereo ;
Bem vês as lavas de meu genio espherico,
Não sou chimerico, tenho fogo ethereo.

Oh, não me abrazes com o fulgor electrico,
Com o fogo tetrico de um olhar sardonico ;
Queres me curve ao teu poder despotico ?...
Dá-me um narcetico n'um sorriso tonico.

Concede orvalho á debil planta torrida,
Sê menos horrída que o feroz Atlantico ;
Então, mais nunca ficarei satyrico,
E em verso lyrico te darei um cantico.

Mas, arrimado da descrença ao baculo,
Subo ao pinaculo do martyrio tragico ;
Murchaste a esp'rança, me tornaste septicco,
Morro apopleptico, sem um riso magico.

Não me fulmines com o despreso chronico
De teu pyrrhónico coração rheumatico ;
Basta ! a loucura me devora o encephalo,
Já estou bucephalo—verdadeiro asnatico.



STELLA

Imitação da poesia hebréa

Anjo, sem azas, no fatal deserto,
Ave, sem ninho, sob um céu de brumas !
Concha mimosa, sobre um mar de espumas,
Harpa divina de harmonias meigas !

Tu és, ó filha das brazileas veigas,
Tu és, ó pura, divinal Stella,
Nitida rosa da manhã mais bella,
Bebendo as per'las da fulgente aurora.

Porque tu scismas, quando a lua chora
Prantos ardentes no vergel florido ?
Serão lembranças de um amor perdido ?
Sonhos doirados de um feliz passado ?...

Choras os gosos de um ditoso fado ?
As creanças murchas de um viver de flores ?
Mundos d'esp'ranças de ceruleas côres ?
Ternas delicias, festivaes venturas ?...

Ai ! eu quizera, em divinaes ternuras,
Tendo por manto teus cabellos bastos,
Dormir tranquillo nos teus seios castos,
Qual borboleta na gentil bonina !...

Depois, na face virginal, divina,
Depôr-te um beijo, n'um deliquio santo,
E nos delirios de sublime encanto
Dizer—eu te amo com febril vertigem.

Vem, pois, commigo, seductora virgem,
Fruir mil gosos, n'um sorrir constante ;
—Tu Beatriz, e eu serei o Dante,
Compondo n'harpa de poeta um hymno.

Mas, ah ! eu curvo-me ao fatal destino,
Qual debil planta ao perpassar do vento ;
Dás-me o desprezo por cruel tormento !
Amei-te tanto p'ra morrer descrente !...

Eu sou do bardo o soluçar plangente,
Vem ser a nota de harmonia infinda ;
Ah ! dá-me orvalho matinal, fulgente,
Nitida rosa da manhã mais linda.



ALICE REBOTTARO

Recitada no Theatro S. João, da capital da Bahia, na noite do beneficio desta actriz.

Alice, as notas que exalas
Excitam mil commoções,
Têm mais doçura que os beijos
Ao crepitar das paixões ;
Ao echo de teus soluços
Os oceanos, de bruços,
Vêm attentos te escutar ;
Transformas em cavatinas,
As alvacentas neblinas,
As ardentias do mar !...

Sobe, mulher deslumbrante,
Sobe muito, sobe mais,
E' lá na luz das espheras
Onde ha glorias immortaes !
O Genio é como uma essencia,
Como a prece da innocencia,
Sobe sempre, sem cahir ;
Porém, si accaso desmaia,

Tem um altar onde cáia,
—Tem os braços do porvir.

Tua garganta de cysne
Molda-se a todos os sons,
Desde o gemido das harpas,
Ao gargalhar dos trovões ;
Tem as dôres do martyrio,
Tem o tremor do delirio,
Vai do Calvario ao Thabor ;
Tu não cantas, tu não fallas,
Tu transpiras, tu trescalas
—Perfume, innocencia, amor.

Milagres !... si ha milagres,
Só tu os podes fazer ;
Tu choras, sem teres pranto,
Tu gemes, mas sem soffrer ;
Quando a voz no céu derramas,
Das scentelhas fazes chammas,
Das chammas fazes vulcão ;
Tu pedes ao mundo palmas,
O mundo atira-te as almas
Que ás plantas beijar-te vão.

Teu canto, ás vezes, é brando
Como a luz dos arrebóes ;
Precisa inventar-se um' ave
Para imitar tua voz !
A's vezes, sublime, ardente,
Como o fragor da torrente
Que se despenha do ar ;
A's vezes, quasi respira,
E' como a queixa que expira,
E' como um echo a findar.

Estas arias que murmuras
Nessa divina expressão,
São um *chiasma* de notas
No craneo da inspiração ;

São gottas de nuvens cerulas,
São catadupas de perolas,
Em taças d'alvo crystal ;
São hymnos, que, n um instante,
Mergulham no céu de Dante,
Surgem no céu de Cabral.

Abranges dous infinitos,
E's colibri e condor ;
Expandes d'alma dous gritos :
Um de prazer, um de dôr !
Aguia sublime, nitente,
Tu tens teu ninho innocente
Nas neves dos Pyrineos ;
Quando te libras nos ares,
As azas abres nos mares,
O collo estendes nos céos.

Alice, não se descreve,
— Crêa-se, sonha-se até ;
Quem mede a luz das espheras ?...
Quem pesa a dôr da polé ?...
Toda luz que d'alma exala
E' pouca p'ra destacad-a
Dentre as brumas do idéal :
Creança, estrella ou bonina,
Tem muita coisa divina,
Tem muita coisa immortal.

Tu fundes a propria idéa
Do teu peito no crysol ;
Tu fazes do pensamento
Um terno ai, um bemól ;
Mais qu' Orpheo, n'um só momento
Suspendes o sentimento,
Sustens no craneo a razão...
Teu genio enorme, fecundo,
De glorias preenche o mundo,
De luz inunda a amplidão.

Vai á França deslumbrante,
A' patria do velho Hugo,
Onde soluça nas praças
O verbo de Mirabeau ;
Vai pedir a Lamartine
Que te inspire, que te ensine
Como se sabe sentir ;
Si houver mysterio nas notas,
Paixões estranhas, ignotas,
Tu poderás traduzir.

Quando d'aqui te ausentares
Em busca de mais laureis,
Não te esqueças que noss'alma
Dormiu, sonhou a teus pés :
Vai ao céo das melodias,
Ao cysne das harmonias,
A' patria da Inspiração,
Pede—um sorriso á Veneza,
Ao Vesuvio a lava accesa,
Mais hymnos—pede a Milão.



O BEIJO

Lembras-te, quando de noite
Teus labios uniste aos meus
E o som de um beijo amoroso
Foi se perder lá nos céos ?

Oh, meu Deus, tanta ventura
Na vida jamais senti ;
Si os beijos produzem morte,
Foi de um beijo que morri.

Não tem a flor mais aroma
Que o labio que me beijou ;
- Foi o perfume de um beijo
Quem minh'alma embriagou.

Amem outros as bellezas
Do céu, do campo, da flor ;
Prefiro os gosos de um beijo
Dos labios de meu amor.

Si ha fulgores nos astros,
Si per'las azucs no mar,
Ha mil segredos n um beijo
Que ninguem póde explicar.

Ah ! quão feliz foi a noite,
Quando, de susto, talvez,
Tu, medrosa, me beijaste
Nos iabios—só uma vez.

Não sabes quantas delicias
Senti no meu coração...
Si me deres outro beijo,
De gosto, perco a razão.

Não ha nada que se troque
Por um beijo terno assim ;
Si ha mil encantos nos beijos,
Quero beijar-te, sem fim.

O colibri feiticeiro
Beija a rosa do Japão ;
E' na doçura de um beijo
Que se resume a paixão...

Um beijo diz mais qu' um riso,
Diz mais qu' um gesto, um olhar
Não ha desgotos qu' um beijo
Não faça logo apagar.

E o beijo que tu me déste
Foi mais que um beijo fugaz :
Foi uma endeixa sublime
De tu'alma—e talvez mais.

Ninguem traduz os segredos
Que um beijo póde conter...
Antes morrer-se de um beijo,
Do que sem beijos viver.



CASTRO ALVES

Composta por ocasião da festa do decennario do mesmo poeta

Rasgam-se os véos do sepulchro
Ao sopro do vendaval ;
Parte-se a loiza funerea,
Surge um vulto colossal :
—E' Castro Alves, o genio,
Que da historia no proscenio
E' quasi um sec'lo, é um rei !
Grandes, heroicas, immensas,
São os seus versos--sentenças,
As suas estrophes—lei.

São mil punhados de perolas
Colhidas de um mar de luz ;
São mil estrellas lançadas
Nas cordilheiras azues ;
São catadupas brilhantes,
Ternas, bellas, deslumbrantes,
Das harmonias dos céus ;
Si elle não foi poeta,
Elias não foi propheta,
Deixa o Christo de ser Deus.

Doira-lhe a coma fulgente
O facho da inspiração ;
Dir-se-ia um raio de gloria
A fecundar um titão...
Do horizonte estruge um grito,
Quaes se abrissem do infinito
Os labios grandes, azues ;
E' o verbo da immensidade
Saúdando na eternidade
A aguia da Santa Cruz.

Morreu ?... Não ! não morre a aurora
Gentil, formosa e louçã,
Vai se occultar nas espheras
P'ra reviver amanhã...
—Morreu ?... Não ! não morre o astro
Quando n'um céu de alabastro
Derrama scenteihas mil ;
Vive nos templos honrosos
De corações generosos,
Como um laurel do Brazil.

—Morreu ?... Não ! não morre o sec'lo
Quando seu curso findou ;
Deixa no seio da Historia
Os genios que elle gerou ;
Castro Alves vive ainda,
Como aurora bella, infinda,
Da immensidade nos véos ;
Phantasma—no espaço erra,
Mandando estrophes á terra,
Molhando a penna nos céos.

Seu nome corre nos mundos,
Como na selva o *tapir* ;
Desde o passado ao futuro,
Desde o zenith ao nadir ;
Vai no dorso do oceano,
Como um brigue altivo, ufano,

Plantar da gloria o pendão ;
Quebrando o tremendo élo
Da escravidão - com o martello,
Da luz, da fé, da razão.

Apost'lo da Liberdade,
Sempre valente e de pé,
Com penna d'ouro espedaça
Do servilismo a polé ;
Traz na fronte augusta, immensa,
Como dogma, como crença,
Uma idéa Abolição
Seu verbo —é mais que uma espada,
Seu braço forte—é a enxada
Do tum'lo da escravidão.

Dois infinitos enormes
Vimos aqui contemplar :
—A gloria que expande risos,
O tum'lo que faz chorar !
Fria, inerte, deleteria,
A campa guarda a materia
—Enorme abysmo sem luz !
A gloria traduz um nome
Que nem o tempo consome,
Nem mesmo a inveja reduz.

—O louro preso ao cypreste...
Que fatal contradicção !
—A morte enlaçando a vida...
—Trevas iunto de um clarão !
Dê-se á campa—o pranto ardente,
Porém, n'um grito eloquente,
Brademos para o porvir:
—Foi elle qu' em nossa historia
Derramou, com muita gloria,
--Seiva de livre sentir.

Aguia altiva, abriu as azas,
Vôou sublime—vôou ;

Porém o raio da morte
Bem depressa o fulminou !...
Talvez que Deus receiasse
Que elle, em versos, transformasse
As maravilhas do céu...
Cahiú ; mas foi adeante
Juntar ao seu nome ovante
O fogo de Prometheu.



UM SEIO

(Imitação)

Um seio como eu vi da côr de neve,
Gentil, humido, breve,
Occulto na cortina transparente
De nitida cambraia ;
Um seio que não fala, que não geme,
Mas um seio que estúa, que inda treme
Como o crystal ardente do rocio
No calice macio
Da rosa que desmaia ;

Um seio como eu vi quebrando em ancias
Os laços do corpinho,
Promettendo de amor um mundo cheio,
Meu Deus, não era um seio,
Era um ditoso ninho,
Onde a chamma divina da esperança,
Qual timida creança,
Ia, vinha, corria, se agitava
Como a faisca em meio de uma lava ;

Um seio como eu vi assetinado,
De pellos desnudado,

Tendo no centro um botãosinho roseo,
Qu' excita o labio a supplicar um beijo,
 Que afoga no desejo
A alma de crystal mais lapidado ;
Que faria do Christo immaculado
 —Um homem, simplesmente,
Si o tocasse com os olhos, levemente ;

Um seio como eu vi depois do baile
 Em repetido arfar,
Luzido como o jambo transparente
 De mystico pomar ;
Si no Eden um pomo assim brotasse,
 Nas ancias da paixão,
 Seria o pai Adão
Quem, primeiro que Eva—então, pecasse...
Moral, si de cahir tendes receio,
Fechai os olhos, p'ra não ver o seio...

Um seio como eu vi inda em esboço,
 Tão nitido, tão moço,
Mimoso como o lyrio a desbrochar,
 E já quasi a tocar
Na renda do vestido, em dôce aneio,
Onde o mel da volupia vaporosa,
Como a essencia purissima da rosa,
 Transmuda sem receio ;

Um seio como eu vi corar de pejo,
 Ao perfumoso beijo
Da brisa que roçára levemente,
Onde um sonho de amor puro, innocente,
 No pudico contorno,
 Tão virginal, tão morno,
Se anninhava, gentil como um rubim,
Engastado n'um manto de setim ;

Um seio como eu vi não ha, nem houve ;
A natureza n'um capricho santo
 Rasgou o niveo manto,

Onde occultava, com cuidado aváro,
As suas perfeições ;
E, n'um arroubo de feliz momento,
Parece até que deu o pensamento,
Onde só devem crepitar paixões.



DORMINDO

Eu vi-a, deitada, n'um leito de nevoas,
Qual anjo divino, tranquilla a dormir ;
Os sonhos beijavam lhe a fronte serena,
Os genios beijavam-lhe a bocca a sorrir.

E a brisa do norte passava fagueira
Com as flores mimosas, travessa a brincar :
As brumas fugiam, rolando no espaço,
—Mas ella dormia, tranquilla, a sonhar.

As nuvens sorriam tão alvas, ligeiras,
Quaes flocos de espumas boiando no mar ;
As gottas de orvalho bordavam-lhe a coma,
—Mas ella dormia, tranquilla, a sonhar.

Os astros choravam no céo debruçados,
Ouvia-se ao longe do cysne o cantar ;
Ligeiras barquinhas vagavam nas aguas,
—Mas ella dormia, tranquilla, a sonhar.

As conchas dançavam no dorso das vagas,
As folhas tremiam do vento ao tocar ;
Gemia o regato, qual virgem queixosa,
—Mas ella dormia, tranquilla, a sonhar.

Desperta, donzella, qu' os beijos d'aurora
Teu corpo de fada já vêm afagar :

As aves saltitam brincando nas selvas,
—Mas tu dormes sempre, tranquilla, a sonhar.

Que fazes, divina, formosa, dormindo
Qual gotta de orvalho no seio da flor?...
A virgem responde, n'um dôce suspiro :
Eu durmo, tranquilla, nas azas do amor.



IMMORTABILIS DIES

Recitada na sessão solenne da Sociedade Libertadora Bahiana, na
noite de 24 de Maio, para commemorar o anniversario da eman-
cipação do municipio do Ceará.

U'm dia a luz da fé sumiu-se no horizonte,
Eu vi o Ceará curvar a larga fronte
Ao latego fatal do cataclismo atroz ;
A secca — o mausoléu sombrio da miseria,
A bocca escancarou, e a sanie delecteria
Do vicio corruptor se diffundiú após.

O sol era um vulcão, ardia em febre insana ;
O céu era deserto, a consciencia humana
Se estorcia da fome em loucas espiraes ;
A campina sem flor, qual virgem desgrenhada,
Dos astros supplicava, em meio da lufada,
As gottas d'alva côr de humidos crystaes.

A terra transformou-se em rutila fornalha,
Avára como a dôr, negára uma migalha
A' joven mais formosa, ao pobre mais senil ;
Dir-se-ia que o cinzel de alguma lava enorme
Deixára áquelle corpo incinerado, informe,
A larga cicatriz de um golpe de fuzil.

Cançada de soffrer, desperta do lethargo,

Depois já de esgotado o cõpo grande, amargo,
Do elixir fatal, que embõta o coração,
Como a Phenix, talvez, das cinzas renascida,
A martyr resurgiu na luz embevecida,
D'aurora sideral da santa Abolição.

Fizera de um abysmo um pedestal gigante,
Era o busto viril da gloria triumphante
D'aquelle ingente herõe, no cimo da Tarpéa :
Tremeu, mas ao calor da lucta gloriosa,
Subiu, cheia de amor, na aza luminosa
Da crença mais feliz, da mais heroica idéa.

Amazona gentil, tomou a deanteira,
Risonha, desgrenhou a fulva cabelleira
Aos mares de esmeralda, ao vento tropical ;
Surgiu de novo á luz dos prantos na vertigem,
E a fé- que ennegreceu das dôres na fuligem,
Brilhou como o clarão d'aurora boreal.

A corrente febril de tão enorme espasmo
Não foi a lama vil do putrido sarcasmo
Rojada da miseria ás faces da nação ;
Foi um dogma de luz, que, em rapido momento,
Impoz-se á consciencia, impoz-se ao pensamento,
Como a força fatal da lei da evolução.

O quadro se transforma, a scena é toda nova ;
A descarnada mão que, já tocando a cova,
Pedia n'outro tempo o caridoso pão,
Aperta, hoje, a tremer, nas ancias do delirio
O preço divinal de seu cruel martyrio,
O lampadario azul do templo da razão.

Era Moysés, escapo ao Nilo crepitante,
O charco negro, vil, rojando um diamante,
O pensamento além do pedestal da Cruz ;
Era o enfermo nú salvando a outro enfermo,
A voz de Camarão a soluçar no ermo,
A morte—dando vida, a treva - dando luz.

Vinte quatro de Maio ! ha neste dia augusto
Um como que de sonho, um como que de susto,
Um marulhar de riso, um gargalhar de horror ;
E' o fumo da guerra a suffocar os bravos,
A força do direito illuminando escravos,
O verme tendo alma, o musgo feito flôr.

Quando a terra pediu auxilio de mais braços
E o homem precisou de mais solidos laços
P'ra crise conjurar, p'ra repellir o mal,
A força que a razão chamou patriotismo,
Asphixiou, no berço, o germen do egoismo,
O putrido carbunculo, a hydra social.

Vinte e quatro de Maio !... é mais qu' um simples dia,
E' mais que um idéal, é mais que uma utopia,
Um cemiterio enorme a vegetar heróes...
O echo do canhão firmando a Liberdade,
O Sahara lethal brotando uma verdade,
A densa nebulosa a transformar-se em sóes.

Filha ousada do norte, á ignota melodia
Da Marselheza audaz, eternisou um dia,
Fez renascer das cinzas o vivido clarão ;
O Ceará é livre, é livre o pensamento,
E' livre—a idéa, a crença, é livre o sentimento,
Arvorou-se a polé p'ra lei da escravidão.

O grande sthetoscopio, a rude experiencia
Sondou-lhe o coração, sondou-lhe a consciencia
E ouviu-lhe o martellar dos cyclopes do bem :
Oh terra, de Alencar, tu vales um poema !...
Tu tens mais que um laurel, tu tens um diadema
Das per'las mais gentis das regiões d'além.

.
Quando, no alto afan da lucta pela idéa,
A quêda de um heróe resume uma epopéa
E mostra no porvir um céu d'aureo matiz,

E' bello ter por throno—o firmamento ethereo,
E' santo ter por gladio—a cruz de um cemiterio,
E' grande ter por c'roa—as glorias do paiz.



UM TRIBUTO DE APREÇO

Ao illustrado professor da 2ª cadeira de chimica-cirurgica da Faculdade da Bahia. Dr. Manoel Victorino Pereira.

Mestre, erguei a fronte augusta,
Olhai em torno de vós ;
N'esta floresta de craneos
Ha muita seiva de heróes...
São almas arrebatadas
Que vêm saudar, deslumbradas,
Um novo e fecundo sol ;
—Ha mais um condor nos ares,
—Mais uma per'la nos mares,
--Mais um clarão no arrebol.

São consciencias que falam
Dos degraus do coração,
São hymnos que se distillam
No filtro da gratidão ;
Foi dupla a vossa victoria,
E' mais um nome na gloria,
Mais um estame na flor,
Mais um laurel na grinalda,
Mais uma bella esmeralda
No vosso anel de Doutor.

Na arca de nossas almas
Ha muita crença a fluir,
Nos nossos peitos—escadas

P'ra o vosso nome subir ;
A lyra—quer uma endeixa,
A dôr provoca uma queixa,
O mar—quer vagas azues,
Quer a fornalha—mais brazas,
Os genios—querem mais azas,
E nós queremos mais luz.

O mundo gyra no cyclo
Da dependencia fatal,
D'esta lei que a humanidade
Chamou—força natural ;
O céu—suppõe o infinito,
O echo requer um grito,
Precisa a lucta—de heroes,
A Aguia—de Pyrineos,
A argilla de Prometheus,
A mocidade—de vós.

Aqui existe um affecto
Que nos conforta e seduz :
Nós vos pagamos em flores
O que nos déstes em luz ;
Aqui um magico spasma,
Nascido do enthusiasmo,
Faz-nos idylios crear ;
Aqui os pólos se enlaçam,
Os dois extremos se abraçam,
A gotta une-se ao mar.

Ha como um grande consorcio
Cheio de vida e de amor...
A's vezes, o Hymalaia
Tambem dá sombras á flôr ;
Quando a gloria se eternisa,
Ha mais um riso na brisa,
Ha mais um beijo nos céos ;
Nas festas da mocidade
Ha sempre um hymno—a Verdade,
Ha sempre um vate—que é Deus.

De vosso talento ao brilho,
A' luz de vossa razão,
Os sentimentos se evolvam
Das pet'las do coração ;
Do nosso craneo sedento
As aguias do pensamento
Vão ás conquistas d'além,
Trilhando as aureas estradas,
As sendas illuminadas
Da Caridade e do Bem.

Nesta lucta progressista
Da fatal evolução
Sabeis ter força e bondade,
Sabeis ser Christo e Sansão ;
Nós vos pedimos—sciencia,
A humanidade—clemencia,
O moribundo—o elixir ;
O erro—vos pede um cravo,
A grata esmola—o escravo,
E quem vos paga—é o porvir .

Vós não curaes só da carne,
—Da intelligencia tambem :
Dais vida —á força que esvae-se,
Dais força—á vida que vem ;
De vossa historia na alfombra
Não ha um véo, uma sombra
Que vos obrigue a corar ;
—E' que a razão não vascilla,
E a luz da fé não oscilla
Da consciencia no altar.

Ha n'esta hora epileptica
Um sonoro crepitar,
Como que o céo beija a terra,
Sem n'ella os labios roçar ;
E' que ao som de tantas palmas
Se evaporam nossas almas
Na vertigem da emoção,

E cheias de crença infinda
Vão supplicar vos ainda
Mais uma sabia licção.

Vós tendes no pensamento
As azas do albatrós,
Que vos libra nas espheras
Buscando mais arrebóes ;
Vossa palavra fecunda
Que afoga, que nos inunda
De cataractas de luz,
E' a rubra stalactite
Que a força da dynamite
Sacode aos espaços nús.

Eu synthetiso n'um verso
A vossa historia feliz,
Nem peço o fogo dos genios
P'ra fornecer-lhe o matiz :
Após um beijo—a creança,
Após o berço—a esperança,
Após a lucta idéal ;
Após a lucta—a victoria,
Após o triumpho—a gloria,
Após a gloria—o immortal !

Ha febres cujo delirio
Exalta, mas não destróe,
—E' quando a idéa mais cresce,
—E' quando a dôr menos dóe ;
E' quando a verdade muda,
Fria, ridente, transuda
Dos vastos póros dos céos !
Silencio !... já chora o espaço !...
Agora, Mestre—um abraço,
Agora, Mestre--um adeus !



A NOSSA CELLA

A forma é d'um caixão perfeito, geometrico,
O tecto velho, gasto, immundo e sepulchral ;
Aberto todo o chão, em fendas e buracos,
De enormes punarés morada colossal.

Ao fundo uma janella e junto uma mesinha
Que serve para estudos e presta-se ao jantar ;
Dispostos n uma estante um tanto empoeirada
Os livros da Sciencia heroica de curar.

E sobre a tosca estante um mundo de tetéas
Por entre as quaes se ostenta impavido, de pé,
O espantalho bom do somno e da preguiça :
Ferrujado perfil da machina de café.

De um lado velha escada estreita e carunchosa,
Carcomido espinhaço em linha vertical ;
Do outro um gasto armario, um coito de baratas,
Com ossos um caixão, sem véla um castiçal.

Mais uma cama além, de lona, esburacada,
De persevejos mãos morada permanente,
Com agua dois jarrões n'um canto, encafuados,
E o copo de beber dependurado em frente.

No canto mais escuro um certo vaso occulta-se,
Que bons serviços presta em certa occasião...
Aqui, alli, bahús, cabides, roupa suja
E pontas de cigarros, esparsas pelo chão.

Como um thorax enorme a resoar monotono
Ao morbido pulsar de enfermo coração,
Um pendulo fatal nos marca, inexoravel,
Os minutos do ocio e as horas da licção.

Pregada na parede a taboa onde resolvem-se
Problemas de Canot e formulas de Teixeira ;

Uma garrafa exausta, e junto, a contemplar-nos.
As orbitas, sem luz, de sepulchral caveira.

Tres tipoias, emfim, nos punhos esticadas,
Da cella em meio estão, e dentro, mudos, graves,
Tres bichos estudando os pontos para exame :
—Segundo Wanderley, Marcal e Arthur Chaves.



PORTICO

CRITICA

Tú, que sorves em taça cinzelada
O fluido estranho de doirados vinhos ;
Tú, que esmagas do Eden nos caminhos
Do Sentimento a flor avelludada ;

Suspende um pouco a livre gargalhada,
Da Ironia mordaz quebra os espinhos,
Não dispares nos meigos passarinhos
Dos sarcasmos a setta envenenada.

E, se a ler os meus versos não te animas,
Fecha os olhos, ao crime indifferentes,
Deixa passar o prestito das rimas...

São minhas filhas, colibris risonhos,
Conduzindo nas azas transparentes
O cofre azul dos derradeiros sonhos !



MELANCHOLIA

A' minha tia Olympia W.

Vão-se os lyrios e vão languidamente
N'aza fugaz da rispida nortada...
De ignoto alcantil, aguia tombada,
Mergulha o sol no Lethes do Occidente.

Do sino a nota ascetica, plangente,
Perde-se além dos montes na quebrada,
E do crepusculo a luz dubia e vellada
Tinge de abrunho a esphera transparente.

Tardo, o rebanho da collina desce,
Emquanto ao Grande Azul, embevecida,
A alma remonta em fremitos de prece ;

Osc'lo final de enferma claridade...
Foi n'essa hora, talvez, indefinida,
Que Deus formou o Anjo da Saudade.



AMOR DE FILHA

A Pedro Avelino

Um pobre velho, não importa o nome,
Por um crime, talvez, crime de Estado,
Foi entregue á justiça e condemnado
A' dura sorte de morrer de fome.

Mas rigores não ha que amor não dome...
A visitar o pae encarcerado,

Pede a filha, e consegue, ao Magistrado
Que se condoe da magua que a consome.

Volve um dia, mais outro e outro ainda,
Mas, apezar do barbaro tormento,
Do delinquente a vida não se finda...

Rasgo de amor que as almas maravilha :
—O pae hauria o seu estranho alento
Nos fartos seios da extremosa filha !



O BAILE DAS FLORES

A Alfredo Pereira

D'um rouxinol aos tremulos harpejos,
Da Casta Diva aos morbidos pallores,
N'um setineo vergel bailam as flores,
Ebrias de seiva e loucas de desejos.

Valsam rosas em languidos adejos
Dos colibris nas azas multicores,
Borboletas de artisticos labores
Seguem, subtis, os magicos festejos.

Depois, n'alfombra delicada e leve,
Uma abelha doirada serve a ceia :
—Favos de mel e lagrimas de neve...

Termina o baile ao despontar d'aurora,
Toda a floresta de prazer pompêa,
Só a Saudade no silencio chora.

CANUDOS

Ao 34.º de Infantaria

Quando a lava do crime, traiçoeira,
Ullulando, explodiu rubra e tyranna
E despenhou-se, altiva e soberana,
Do fanatismo a enorme cachoeira...

Rompendo, audaz, a tragica trincheira,
Como a sagrada legião thebana,
Foste salvar a fé republicana,
Foste vingar a honra brasileira.

Bravo, affrontaste o antro das pantheras,
Tendo no labio—a voz de Miguelinho,
Tendo no peito—a chamma das crateras ;

Bando d'aguias que não alcanca a vista,
Foste vertendo os prantos do carinho,
Voltas cingindo os loiros da conquista !

UM DRAMA NOS ALPES

Ao Dr. Juvenal Lamartine

Faminto um lobo, um dia, assalta bruscamente
Um berço, onde dormita um mimo de candura,
Mas não suppunha achar a heroica compostura
De um rafeiro leal que o mata incontinente.

Regressa ao lar o pae e logo a falta sente
De seu filhinho ; então, n'um lance de amargura,
Sob o influxo brutal de tragica loucura,
Fere o nobre animal que julga delinquente.

Mas, querendo mostrar o quanto fôra injusto,
O cão crava no dono a vista doce e meiga
E, se arrastando, o guia a um florescente arbusto;

Imprevisto painel que o sentimento exhorta !
— Sobre o glauco setim da esmeraldina veiga,
A cerança dormia ao pé da fera morta !



AGONIA DO SOL

A João Nepomuceno

Turva a nave dos céos vasta e sombria
Um fluido extranho, indefinido e vago,
Das auras mansas ao sereno affago,
Baptiza o mar a estoica penedia.

Da grande magua a roxa symphonia
Vibra dolente nos crystaes do lago,
Pombas em tropa n'um concerto mago,
Passam cantando os funeraes do dia.

E o cadaver do sol ensanguentado,
N'um sudario de purp'ra amortalhado,
Das cascatas á morbida surdina...

Rei, que o brilho da c'roa já não sente,
Baixa á campa de nacar do poente,
Legando o sceptro á estrella vespertina !



PAGINA TRISTE

A Pedro Soares

Sob o igneo docel do plumbeo espaço,
Tendo a filhinha ao collo conchegada,
Ella tombou á margem de uma estrada,
Morta de fome, exausta de canção.

E ao ver-lhe o vitreo olhar já frio e baço,
Dos tropeiros a agreste cavahada
Abre uma cova á pobre fulminada,
Das savanas no arido regaço.

Mas que contraste ! Que irrisão pungente !
Entre os trapos, tranquilla, inconsciente,
Sorrindo ao pé d'aquelle corpo frio...

A criança, da sêde nos assomos,
Hauria a seiva dos mirrados pomos,
Buscava amor n'um coração vazio !



NO BANHO

A Euclides Dias

Despem-lhe a veste transparente e fina,
E nos mornos crystaes, em plena sêsta,
Ella se atira, como um lyrio em festa,
N'alva nudez da estrella vespertina.

Brinca, espaneja e vibra a cavatina
Dos alados tenores da floresta ;
Entra um raio de luz por uma fresta,
Illuminando a scena peregrina.

Logo depois, risonha e chilreante,
A's caricias do frio palpitante,
Per'las vertendo da sedosa franja,

Ao collo volve o meigo passarinho,
Ostentando na curva do biquinho
Quatro botões de flores de laranja.



GILLIAT

A Ovidio Pereira

Sereno e só, na abrupta penedia,
Como a estatua, talvez, do desengano,
Elle, que vencer poude o oceano,
Das saudades aos golpes succumbia.

Implacavel ás plantas lhe rugia
O tigre azul, n'um hysticismo insano,
E fugindo, fugindo a todo panno,
Longe, bem longe, um barco se escondia.

E quando a onda grimpa traiçoeira,
O gigante contempla essas espumas
Onde vê abysmar-se a crença inteira...

Depois... mais nada... ao beijo dos luares,
Um cysne branco a se perder nas brumas,
E um coração a fluctuar nos mares !



NO BARCO

Ao Dr. Galdino Lima

N uma concha de anil clara e polida
Emerge o sol os pincaros doirando,
A' terra em flor prodigamente dando,
Hostia de luz, a communhão da vida.

Syrius desmaia na siderea ermida,
E nos mangues que o rio vai beijando,
Vê-se uma garça esbelta, meditando,
Na placidez das aguas reflectida.

Scinde o batel as vagas argentadas,
Ora calmo dos remos ao compasso,
Ora a fugir aos uivos das rajadas...

E Deus, na fôrma de purpureo raio,
Entornava das nuvens no regaço,
As rosas todas das manhãs de Maio.



A FLOR DE GALILÉA

Ao distincto sacerdote J. de Calazans

D'aureo fulgor brilhante se illumina
Do firmamento a téla vaporosa ;
Anjos, descendo em nuvens côr de rosa,
Cantam da Gloria a excelsa cavatina.

Abrem-se á flux os póros da campina,
Bate palmas a onda revoltosa,
E a lua meiga, a lua carinhosa,
Doira o Jordão, saudando a Palestina.

Boiam sonhos no lago da esperança,
E, qual cysne de affecto e de bonança,
Dos prodigios da Fé aureolado,

Nasce Maria, a flor de Galiléa,
Derramando os clarões da Nova Idéa,
Sobre os negros destroços do Peccado !



QUADRO NEGRO

A Godofredo Britto

—D'onde vieste, ó misero esqueleto,
Mumia infantil, que ao vento cambaleia ?
Onde teu pae ?—Stá preso na cadeia,
—E tua mãe ?—morreu no lazareto.

—Que queres tu, mesquinho Rigoletto,
Por essa noite, assim ? humida e feia ?
—Dai-me uma esmola, a mendicante anceia...
E triste estende o seu saquinho preto.

—Deus vos pague, suspira a creancinha :
Mas, agora, onde vaes sem luz, atôa,
Rôta, descalça, morbida e sosinha ?

—Eu, senhor ! vou comprar uma coroa
P'ra minha irmã, que a outra que ella tinha
Perdeu na rua... e nunca mais achou-a.



PROFUGO

A Paulo Kruger

Quando envolver-te, ô velho forasteiro,
Do Leopardo a sordida mortalha,
Quando ruir a ultima muralha,
Do despotismo ao rabido Pampeiro ;

Quando extinguir-se o alento derradeiro,
Nos hysterismos rubros da batalha,
Quando explodir a ultima metralha,
E a justiça faltar do mundo inteiro ;

Quando, só, a transpor invios caminhos,
Restar-te, apenas, branco de pesares,
O sorriso infantil de teus netinhos...

Vem, sublime Ashaverus desterrado,
Que encontrarás na patria dos palmares,
Um povo amigo e um sólo abençoado.



A MORTE DA ROSA

Ao Dr. Sergio Barretto

Entre c'roas de murtas, enfeitada
De ricas gemmas, de bellezas summas,
Jaz n'uma concha de nevadas brumas,
De uma rosa a corolla desbotada.

Chora o salgueiro os prantos da alvorada,
E um colibri, saudoso, arranca as plumas
Para escrever no album das espumas
Hymnos de angustia á sua terna amada.

Ouvem-se além, carpindo as violetas,
E do esquite, nas alças pequeninas.
Pegam, tristes, ceruleas borboletas...

Paira o cortejo, emfim, de um bosque a meio.
E vae depor as cinzas purpurinas
Na urna santa de virgineo seio.



GASTRONOMIA

Ao Dr. Carlos Camara

De que nos serve a excelsa phantasia,
Sonhos de gloria, divinal essencia,
Prodigios d'arte, arroubos de eloquencia,
Productos vãos da vã philosophia ?!

Que calor tem a stulta bizzarria
De quem vive a doirar a intelligencia,
Si até se vende a propria consciencia,
Quando a nossa barriga está vazia ?!..

A virtude, a nobreza, a honra, o nome,
Tudo se esvai nos criticos momentos,
Quando a fera esbraveja : estou com fome !

Tal idéa voraz tanto nos cança
Que eu me afoito a dizer aos quatro ventos :
Feliz do homem que nascer sem pança ! !..



TIRADENTES

Rubro Hassaldama ! Dominando a praça,
Ebrio de sangue, a força levantada,
Lanças, peloiros, tetrica parada,
E o riso alvar da stulta populaça.

Moderno Christo, de moderna raça,
Hostia de amor ás trevas immolada,
Eil-o sagrando a idéa immaculada
No baptismo fecundo da desgraça.

Nada pode obumbrar sua memoria...
Não ha mancha nas almas de alabastro,
Não ha poente para o sol da Gloria !

E' bello, é santo, é colossal, é novo,
—Um cadafalso transformado em astro,
—Um réo de morte libertando um povo !



A ESTATUA

A Palmerio Filho

Junta o artista á cerula turqueza
Flocos de linho e risos de alvorada,
E d'essa argilla estranha e perfumada
Talha um perfil de olympica princeza.

Surge um raro prodigio de belleza,
Vestal, nas formas, inda não sonhada,
E ao vel-a, assim, dos genios bafejada,
Paira fitando a sculptural surpresa.

— Inda s'tá incompleta ! Após exclama :
— Tem um rosto de fada, mas não pensa,
— Tem um collo de cysne, mas não ama...

Faltava o coração, mas ao fazel-o
Sopro fatal arrebatou-lhe a crença,
E a pura argilla transformou-se em gelo !



INFAMIA BRITANICA

Povo nobre ? Mentira ! Humana escoria !
Mercenaria, feroz, aventureira,
Que, na lucta mesquinha e traiçoeira,
Mancha de lama os loiros da victoria .

De teus feitos a rude trajectoria
Desperta horror á humanidade inteira ;
Quem de torpes vinganças faz bandeira
Não merece um logar na culta historia.

Fere, extermina, esmaga, bombardeia,
Da cubiça voráz a chamma ateia,
Mas não roubes os ninhos dos rosaes ;

Sinistra gloria de sanguineos brilhos :
— Vences á fome os innocentes filhos,
Porque não podes derrotar os paes !



JUDITH

A Francisco Palma

Da primavera aos roridos albores,
Como gotta de essencia evaporada,
Morreu Judith, a loira enamorada
Das estrellas, das aves e das flores.

E a pobre mãe, da magua aos stertores,
Para dar sepultura á filha amada,
Vai chorando, descalça e desgrenhada,
Ao mundo frio mendigar favores.

Mas tudo embalde... e cheia de tristeza,
Pendida a fronte ao seio de alabastro,
Regressa ao lar e vê, grata surpresa !

Envolta em plumas rutilas, nevosas,
A virgem loira convertida em astro,
Subindo ao Céu, num thalamo de rosas !



CONSUMMATUM EST

Ao virtuoso Vigario João Maria

Era mister cumprir-se a prophecia...
Martyr de Amor, Cordeiro Immaculado,
Das Oliveiras no jardim sagrado
Ora, silente, o Filho de Maria.

Banha-lhe a fronte o orvalho da agonia,
Quando o beijo venal do renegado
Deixa na face Augusta assignalado
O stygma vil da torpe apostasia.

Mas, n'um rasgo de affecto omnipotente,
Elle perdôa á turba inconsciente
E expira após no tragico madeiro...

Liccão de luz, num lugubre scenario :
— A Redempção surgindo do Calvario,
— Um Homem só salvando o mundo inteiro !



PAISAGEM NOCTURNA

A Rodrigues de Carvalho

Do ceruleo ciborio vespertino
Surge do sonho a loira mensageira,
E dos astros, á flux, a branca esteira
Segue captiva o disco sibyllino.

Pallio de luz, translucido, argentino,
Marchetado de lurida poeira,
Desenrola a Galaxia a cabelleira
Feita, talvez, de um beijo adamantino.

Como garças em doida revoada,
Nuvens, filhas das verdes primaveras,
Vagam no espaço, a coma desgrenhada ;

Vertem crystaes os póros das espheras,
E n'alma azul da noite opalejada
Abre-se o Lothus roseo das Chimeras.

VERA-CRUZ

Ao Dr. Pinto de Abreu

Céo de saphira. As velas enfunadas,
Bando fugaz de garças, soberana,
Rasgando o Tejo, a frota lusitana
Vai caminho das veigas encantadas.

Noites sombrias, rígidas lufadas,
Escarcéos a rugir em furia insana,
Nada vence a galera que se ufana
De ter na pôpa o signo das Cruzadas.

Mas da Lybia candente a calmaria
A derrota lhe muda, quando, um dia,
Terra !... grita a maruja alviçareira...

Como Venus, então, das vagas cerulas
Surge, num banho oriental de perolas,
Da Terra Santa— a Virginal Palmeira !



O ENTERRO DO PASSARINHO

A' minha cunhada D. Anna W.

Orphão de luz, mendigo de carinho,
Rico botão de opalas irisado,
Sentindo n'alma o beijo envenenado
Da nostalgia intermina do ninho,

Morrera o beija-flor, e seu corpinho
Na corolla de um lyrio amortalhado,
Por um grupo infantil vai carregado,
De confeites, num roseo caxãosinho.

Segue o mais moço um funeral cantando,
Abre-se a cova ao pé de uma açucena,
Filtram per'las do olhar, de quando em quando...

Que bello quadro ! Que licção suave !
— Raios de aurora a soluçar de pena,
— Almas em flor a suffragar um' ave !



SEIOS

A Ovidio Fernandes

Do virgineo pudor mystico asylo,
Os seios da mulher, niveos, olentes,
Tinham a côr das coisas innocentes
E a candidez das virgens de Muryllo.

Mas um dia, do eburneo perystillo,
Incidindo nas polpas lactescentes,
Dois pedaços de aurora, rubescentes,
Mancham de purp'ra o turgido mamillo.

Logo, ao rubro matiz que os pomos tinge,
Corre a seiva mais quente e mais agreste,
Dos desejos accorda a ignota sphynges...

E quando Deus, numa manhã formosa,
Foi visitar o seu jardim celeste
Viu que faltavam dois botões de rosa.



TUMULO DO VERSO

Ao Dr. Manoel Pinheiro

Não ! não creio na amarga prophecia
Dos arautos fataes do pessimismo,
Que predizem, num vão philosophismo,
Da loira Musa a proxima agonia.

Não succumbe de vez a phantasia
Que se nutre da seiva do lyrismo,
Nem da carne fremente o despotismo
Esmaga a flor que gera uma utopia.

Serpe doirada, fascinando a prêsa,
E' debalde que açula a Natureza
Dos gosos quentes o lascivo enchame...

Do Genio o aureo sonho se requinta,
— Emquanto houver uma mulher que sinta,
— Emquanto houver um coração que ame !



PRIMEIRA COMMUNHAO

A' minha filha Francisca

Ante um altar de auriferos brocados,
Sob a candura de um frouxel de linho,
Postas as mãos nas rendas do corpinho,
Como fadas de edenicos noivados...

Alvos lyrios na alfombra ajoelhados,
Irmãos da aurora e filhos do carinho,
Abrem, sorrindo, os corações de arminho,
Ao bando implume dos gentis peccados.

Curvam-se, então, as fronte peregrinas,
Na corolla das almas pequeninas
Brilha o niveo arrebol da Consciencia...

E, descendo num halo de esperanças,
Deus vem depor, na bocca das creanças,
O Pão da Luz, o Sello da Innocencia.

TRAGEDIA DA GLORIA

A' memoria de Augusto Severo

Agua da Pax, de olympicos sonhares,
Da Colmeia do Bem formosa abelha,
Foi ao berço da Luz ver a scentelha
Para sagrar o Anjo dos Palmares.

Já do Porvir nos rutilos altares
Da Patria o vulto homerico se espelha,
E dos Andes nas grimpas se ajoelha
Saudando livre o domador dos Ares.

Mas ao fitar-lhe o busto aureolado,
De tamanha ousadia despeitado,
Muda-lhe o Genio da Fortuna o rosto ;

E o vencedor, vencido na conquista,
Para o sólo natal volvendo a vista—
Morre de pé no glorioso posto !

NUPCIAS NO CÉO

Ao Dr. Alberto Maranhão

No asphalto azul de aljofares bordado,
De regio escripto preciosa gemma,
A Estrella d'Alva, pallida Moema,
Aguarda o sol, seu loiro desposado.

Bella como o ideal crystallizado
Da derradeira estrophe de um poema,
Traz na fronte de jaspe um diadema
Dos lavores da aurora marchetado.

Bordam rendas de opala as verdes franças,
Fadas, trajando nimbos de cambraia,
Prendem-lhe cravos nas revoltas tranças ;

E, sentindo do noivo o morno beijo,
Odalisca dos céos, ella desmaia
Farta de amor e tremula de pejo !



SUB UMBRA

A' memoria de Auta de Souza

De lilazes num Horto, eternamente,
Dorme o cysne de pronubas chimeras,
Como um lothus de extinctas primaveras,
Boiando, exul, das maguas na corrente.

De phalenas um côro reverente,
Da phantasia ephemeris galeras,
Genuflexo, nas turgidas antheras,
Resa a prece lustral do sol poente.

Livre das garras do martyrio insano,
Su'alma imbelle pelos céos fluctua
Transformada num astro soberano ;

E' que Deus a chamou, assim, tão cêdo,
Para ensinar, talvez, á branca lua
Das calhandras o mystico segredo.



ABENÇOADO CRIME

Ao João Bakker

Quando elle entrou no asylo perfumado,
Cerrando os punhos, aprumando o busto,
Ella, tomada de surpresa, a custo,
Poude occultar-lhe o magico bordado.

Pelo raio dos zelos fulminado,
Cedendo á insania de um ciume injusto.
O esposo, ao vêl-a vacillar de susto,
Exige a prova do mortal peccado.

Cede a culpada ao rispido desejo,
As faces tintas de ineffavel pêjo.
O olhar banhado de celeste brilho.

Abre-se um cofre ; se irradia um grito :
O pae sagrára o maternal delicto—
Beijando a touca do primeiro filho !



INGENUA

A Henrique Castriciano

Nua, minh'alma, em virginaes adejos,
Vôa em busca do pomo idolatrado ;
Da virtude na jaula enclausurado
Meu peito estúa em mysticos arquejos.

Ferve em ancias, na anthera dos desejos,
Da carne rubra o latex perfumado,
E meu labio de gosos requeimado
Sopra a fanfarra stridula dos beijos.

De meus sonhos a gondola enfuna a véla,
Vibra meu ser ás garras da procella
Notas quentes, febris, d'harpas eoleas ;

E um beija-flor, de edenicos pomares,
Vem seu ninho tecer de nenuphares
De meus seios nas brancas magnolias.



A PROCISSÃO DAS FLORES

A José Chaves

D'Alva de Maio os fulvos esplendores
Doiram dos cêrros a indecisa crista,
E entre rendas de jalde e de amethista
Vai desfilando a procissão das flores.

Branças dhalias de mysticos pallores
São os anjos da florida revista ;
Nem o mago cinzel de heleno artista
Pode esculpir tão rutilos labores.

Num tripudio de lubricos quebrantos
Rompem psalmos na veiga perfumada,
Da caçoila dos flavos helianthos. .

Surge um andor tecido de verbenas,
E um rouxinol, saudando a madrugada,
Passa, em triumpho, espanejando as pennas.



COQUETTE

A Manoel Coelho

Quando ella passa, o gesto petulante,
No macadam brunido do passeio,
Suspendendo, num languido meneio,
Da regia saia a cauda roçagante ;

De heliotropo o cheiro penetrante
Se evola em ondas do venusto seio...
E do decote ostenta-se, no meio,
D'uma *la france* a nodoa coruscante.

Ao fitar-lhe a casquilha compostura,
Dos vassallos a *troupe* almiscarada
Arma um sorriso e faz-lhe uma medida ;

Rara joia que em sonhos só se encontra,
Leva da moda a flammula arvorada
Na pluma rubra do chapeo bilontra.



NOVIÇA

A Urbano Hermillo

Si no teu ser existe ainda algum resquicio
Desse roseo clarão que nutre e que devora ;
Si esse asylo sombrio, onde a tristeza mora.
Obriga-te a cumprir inutil sacrificio...

Si nas roscas fataes de um arido cilicio,
De tua carne a seiva em prantos se evapora ;
Si não podes, sem fé, servir Nossa Senhora,
Renuncia esse voto e finda esse supplicio.

Não receies transpor, ó flor do Mysticismo,
Das ignotas paixões o perfumado abysmo,
Impoluta affrontar os tetricos martyrios ;

De sacrilegio os céos não podem condemnar-te :
O osc'lo do perdão germina em toda parte,
E Deus vive tambem no coração dos lyrios.



SUPREMA DOR

A inolvidavel memoria do meu venerando mestre Dr. Manoel Victorino

Condor bahiano, no infinito occulto,
Hostia de arminho, para os céos erguida,
Elle fugiu da terra estremecida
Em demanda, talvez, de um novo culto.

Do supremo poder o negro insulto
Nalma cavou-lhe a ultima ferida ;
Mas si o *crime legal* roubou-lhe a vida,
Da Patria o voto eternisou-lhe o vulto.

Foi o lyrio da Paz seu estandarte,
Das nobres luctas infantis da Arte,
Fé o martyrio divinal da Luz.

Da nau da Gloria dominando o mastro,
Como sabio cahiu fitando um astro,
Como crente morreu beijando a Cruz !



AGONISANTE

A Pedro Mello

Sobre um velho *fauteuil*, purpurisado,
Reliquia extrema de pomposo fausto,
Sorvia a luz num derradeiro hausto
Da flor do Vicio o caule profanado.

Deserta a alcova, o lar abandonado,
Rubro o sangue a fluir do labio exausto.
Ella tinha na dôr desse holocausto
O mais bello perdão de seu peccado.

E emquanto o fluido que as paixões ascende
Nos anceios do Ether se desprende,
Do crepusc'lo ao clarão incerto e dubio,

Sob o pallio dos Astrôs côm de prata,
Dos bohemios a alegre serenata
Passa tocando as *Ondas do Danubio*...



EPOPEA DA MAGUA

A innocente Alice, estremecida filha do inesquecível extincto Dr. Manoel Victorino.

Do casto amor, no seio idolatrado,
Repoisa o mestre o craneo incandescente ;
E assim tombava o luctador valente
Pelas settas do odio envenenado.

E sentindo-se, em breve, arrebatado
Do Azul ignoto ao polo transparente,
Num delirio de luz, bello, eloquente,
Diz, apontando o céo immaculado...

Supremo anhelos que um poema encerra !
—“Quero fitar, no extremo paroxismo,
“Inda uma vez, o sol de minha terra...”

E o sol entrou, sereno, em jorros francos,
Mostrando ao pae, da imagem no heroismo,
Um anjo loiro de cabellos brancos !



CORAÇÃO DE VIRGEM

Ao Dr. José Correia

Tu, coração, cujo perfil descança
Da grande Paz no ambito mesquinho,
Onde não pulsa a arteria de um carinho,
Nem circula o licor d'uma esperança ;

Tu, que dormes, qual timida creança,
Sob a fronde aromal do rosmaninho,
Concha deserta, abandonado ninho,
Feito da luz do arco da Alliança ;

Gosas na sombra a placida ventura...
Bailam somente em tua sepultura,
Do fogo fatuo, as erradias chammas ;

A prece basta a saciar-te a gula...
Tenho inveja da larva que te oscula,
E's feliz, coração, porque não amas !



NOEMIA

Sob a impressão do bellissimo drama A ESTATUA DE CARNE

A. J. I. Jatobá

O piedoso ideal, a nobre phantasia,
Faz dos nervos vibrar-lhe a cynica structura :
O anjo empresta ao vicio as azas da candura,
Noemia, a cortezã, transforma-se em Maria !

D'um esposo fiel a santa romaria
Desperta na bacchante um riso de amargura ;
Brota o lyrio da Fé, daquella anthera impura.
Palpita um coração naquella pedra fria.

Ouro, sedas, rubins, todo esplendor canalha
Da meretriz venal, inveja uma mortalha,
Tem ciumes crueis daquelles ossos nús...

Da consciencia, então, um hymno se levanta :
A peccadora vil encarna-se na santa,
Desaba o pedestal, a estatua faz-se Luz !



D. CEZAR DE BAZAN

Ao actor Claudino de Oliveira

D. Cezar de Bazan! Eu conhecia
Esse bohemio que adorava o vicio,
Mas transpunha, solenne, um precipicio,
Para attender um grito de agonia.

Um riso fino, um riso de ironia,
Sublimára-lhe a dôr do sacrificio...
Rico ou pobre, num throno ou num hospicio,
Ostentava os brazões da fidalguia!

O jogo, o vicio, o amor, em toda empresa
Mantinha sempre a linha de nobreza,
Salvando a honra, obedecendo a Lei...

Bravo e sereno, á lealdade affeito,
Emquanto o Rei lhe profanava o leito,
A vida expunha p'ra salvar o Rei!

CORTEZAN

A Augusto Leite

Da moda escrava, escolhe o figurino,
Talha, em blond, um vestido côr de opala,
E no decote, onde a volupia fala,
Deixa, indeciso, o seio alabastrino.

Empresta um riso ao labio purpurino,
Ageita a cauda que no chão resvala,
Ha festa em torno áquella rosea sala...
Dá-me teu braço e vamos ao Casino.

E' mesmo assim que o mundo te deseja :
Nessa eclosão de lubricas chimeras,
Hoje te acclama... logo te apedreja...

Açula a carne, ensaia uma figura,
Eis ali o teu par, que mais esperas ?
Dança... que eu toco a walsa da loucura !



STYGMA

Ao Dr. Sebastião Fernandes

A propósito do artigo—Stygma Policial—publicar-lo na IMPRENSA

Fujo de ti, policia deshonrada,
Das creanças estúpido sicario,
Que profanas do Amor o Santuario
E mergulhas na lama a tua espada.

Fazes da frente meiga, immaculada,
De façanhas brutaes o teu scenario...
E não sabes, ó tigre sanguinario,
Que tu vibras na Patria a bofetada.

Sentinella do Crime, infame guarda,
Quem dos brios cuspiu no pergaminho
Não merece ostentar tão nobre farda !

Maldita lei. covarde prepotencia !
Que fere a mãe--nas faces do filhinho,
Que insulta o lar— no berço da Innocencia.



ULTIMA PAGINA

A' maviosa poetisa Anna Lima

Aves em festa. Abril. Parti. Alvorecia ..
O sandalo da crença o Ether perfumava,
E dos Sonhos em flor a flammula brincava
Na gondola rosicler da excelsa phantasia.

Das phalenas, exul, a tropa fugidia,
Do morno céu *gris perle*, a lamina bordava ;
Sobre o aureo convez uma illusão cantava,
Em cada vaga azul boiava uma utopia.

Mas da sorte o tufão crocita, soberano,
E, na garra feroz do torvo desengano,
Vai o cofre ideal de tantas maravilhas...

Como o luso Tritão, na ousada trajectoria,
Suspendendo na dextra a perola da gloria,
Pude, apenas, salvar o coração das filhas.



O AZUL DO MAR

(LENDA)

A bella saphira, um dia,
Contam que foi visitar
A per'la que residia
Nas profundezas do mar.

Das pet'las de uma açucena
Talha um barquinho gentil,

E d'aza de uma phalena
Faz-lhe uma vela subtil.

Seis mariposas brilhantes,
Formosas filhas do val,
Arvoram-se em tripolantes
Desse batel ideal.

Por entre as cordas de arminho,
Por sobre os mastros em flor,
Perpassam brisas, mansinho,
Gemendo estrophes de amor.

Vão na coberta macia,
Como presentes reaes,
Gottas de aurea ambrosia
Em transparentes crystaes.

Um vagalume na prôa,
Phosphorescente pharol,
Guia a mimosa canôa
Sob o docel do arrebol.

Mas uma travessa ondina,
Surgindo das salsas plagas,
Roubou a pedra divina
Para escondel-a nas vagas.

.

E desde, então, essa data,
Dizem as auras do sul :
O mar, que era côm de prata,
Ficou, para sempre, azul !



VOZES DE UM ANJO

Mamãe, enchuga teu pranto,
Não chores porque morri,
Que eu vou escrever-te um canto
Nas azas de um colibri.

A morte, apenas, se encerra,
De um sonho no fino véo...
A gente dorme na terra
E accorda, mamãe, no céu.

Elle é tão claro, é tão lindo,
Tantos prazeres produz,
Que eu vivo sempre sorrindo
Mais o menino Jesus !

Meu berço é feito de aurora,
De estrellas meu cobertor,
Me embala — Nossa Senhora,
Me beija — Nosso Senhor,

Aqui ha tambem escholas...
E que doutrinas sem par !
Ensina-se a dar esmolos,
Aprende-se a perdoar !

Dão-se concertos divinos,
Fazem-se gratos festins...
Resoam mysticos hymnos
Das harpas dos cherubins.

O sol, um turibulo immenso
Feito de oiro e de luz,
Derrama flocos de incenso
Aos pés da sagrada Cruz.

Séde cruel não se passa,
Fome não sente ninguem :

Bebe-se o nectar da Graça,
Come-se os fructos do Bem !

Reina somente a esperança,
Não ha castigos nem dôr ;
A Virgem Mãe é tão mansa !
Jesus nos tem tanto amor !

Nós temos um par de azas
Para voarmos, sem fim...
Os astros são nossas casas
E o firmamento um jardim.

Que de alegria e carinhos
Nestas esferas azues !
As nuvens são alvos ninhos,
Os anjos cysnes de luz.

S. Pedro foi quem, sorrindo,
Do céu a porta me abriu...
—Que bello ! Que anjo lindo !
Disse-me, assim que me viu !

Queres saber o que eu faço,
Depois que de lá parti ?
De dia brinco no espaço,
De noite rezo por ti.

A's vezes, fitando a lua
Entre as cortinas de além,
Ao ver a saudade tua,
Tenho saudades tambem.

—Que sentes ? Por que estais triste ?
A Virgem pergunta, então...
—E' que na terra inda existe
Parte do meu coração.

Perdoa, lyrio sublime,
Deixar-te, Deus assim quiz...

Si commetti este crime
Foi para ser mais feliz.

.....

Si queres, porém, as dores
Desse teu seio apagar,
Eu faço um carro de flores
E vou, Mamãe, te buscar !



O MEU CHALET

Ha muito tempo que eu desejava
Ter uma casa para habitar,
Mas a penuria me asphixiava,
Não pude o sonho realizar.

Queria um nicho, todo de branco,
Portas pintadas de bello azul ;
Um jardimzinho ligado ao flanco,
Frente á chineza, mirando o sul.

Uma saleta para visitas,
Banhada, em cheio, de farta luz ;
Sobre as janellas, cortinas, fitas,
Pelos consolos lindos *bijoux*.

Cheia de encantos, de maravilhas,
Singela alcova de rosea côr,
Ninho formoso de minhas filhas,
Dos brancos lyrios de meu amor.

Um gabinete bem arejado,
Onde pudesse, grata ironia !
Calando as maguas de meu passado,
Voar nas azas da phantasia.

Junto o meu quarto, commodas redes,
Sacrario augusto de nosso lar ;
Quadros de santos pelas paredes,
É a cama armada como um altar.

Após, abrindo para um terraço,
Festiva sala das refeições ;
Cheias de orvalho, saudando o espaço,
Rosas, cameleas, mangericões.

Fóra um alpendre sobre pilares,
Todo enlaçado de trepadeiras ;
Loiras phalenas scindindo os ares,
E ao longe o hymno das cachoeiras.

Duas palmeiras como atalaias
Guardando a frente de meu jardim ;
Conchas de nacar de fulvas praias,
Formando grutas côr de rubim.

Por toda parte meigos affagos,
Noites de Maio, manhãs de Abril ;
Bailes de cysnes nos verdes lagos,
Festas de estrellas nos céos de anil.

Nada de pompas nem azulejos,
Conforto, apenas, somente paz ;
Placidos sonhos, calmos desejos,
Risos e flores, para que mais ?

Bem cêdo iria, quanta belleza,
Na hora excelsa dos arreboes,
Ouvir, nos templos da Natureza,
A missa agreste dos rouxinoes.

A' tarde, á sombra dos arvoredos,
Haurindo a seiva de mil carinhos,
Que de mysterios, que de segredos,
Na concha implume dos alvos ninhos !

Então, minh'alma, rica de esp'ranças,
Serenamente, repoisarias,
Ao doce effluvio das coisas mansas,
Das barcarolas das cotovias.

.....

Porém, sentindo ser impossível
Ver satisfeita minha illusão,
Em duas horas, parece incrível !
Fiz um palacio de—papelão !



PARABOLA DO SAMARITANO

(Traduzido do Samaritano, de Edmond Rostand)

Um homem,
Que de Jerusalém ia p'ra Jerichó,
Uns ladrões encontrou. Atacam-n'ó, sem dó.
Atiram-n'ó por terra, o ferem brutalmente ;
Seus ais na solidão se perdem vagamente.
E suppondo, talvez, que já estivesse morto,
Deixaram-n'ó, então, exausto, sem conforto...
Como o vinho de um odre o sangue se derrama...
Um Sacerdote chega, encara a rubra lama,
Fita esse corpo, assim, que a vida pouco anima,
E fica indifferente, e passa-lhe por cima.
Chega um Levita, após, vê esse turvo olhar
Onde o brilho da luz, em breve, vai findar ;
E fazendo, igualmente, um gesto de desdém,
Impassivel, caminha e despreza-o tambem.
Vem um Samaritano, e olhando o pobre craneo,
De sua mula, ao chão, se atira subtaneo,
E untando com oleo o corpo inerte, exangue,

Compassivo lhe estanca o copioso sangue.
Em seus braços levanta o enfermo, ternamente,
E o colloca na sella, humanitariamente ;
Ao' abrigo o conduz, desce e fal-o deitar,
Passando á noite ainda ao pé delle, a velar...
Na seguinte manhã, chamando os hoteleiros
Lhes paga adeantado ; entrega dois dinheiros
E diz-lhes : Vou partir ; porém, na minha ausencia,
Para com elle usai de toda complacencia ;
Com desvello o pensaé, que, quando regressar,
Da despesa o excesso eu hei de vos pagar.

E foi-se logo, então,
O fraternal pagão...

Agora, respondei-me, em vossa consciencia :
Do moribundo, assim, tratado sem clemencia,
Bem como um cão leproso,
Nojento, perigoso,
Seu proximo qual foi ? Qual delles mais humano ?
—Foi o Padre, o Levita ou o Samaritano ?



SUPREMO IDEAL

Era profundo o cahos, illimitado o espaço,
Dormia a criação das trevas no regaço,
Nem verdes palmeirae, nem páramos azues ;
Mas uma voz se ergueu, e a scena transformou-se,
Scindindo o denso véo, o abysmo eclypsou-se,
Desabrochou a vida e Deus formou.—A LUZ !

Explode o glauco mar na rubra penedia,
Canta na selva a brisa um kirie de alegria,
Fecunda o loiro sol a natureza em flor ;
E, para completar esse immortal poema,

'Num arroubo febril de inspiração suprema,
Palpita um coração, e Deus faz—O AMOR !

Mas a inveja fatal, da escuridão nascida,
Arma o braço cruel ao monstro, ao fraticida.
E do seio arrebatada a divina essência ;
Era mister punir o trágico delicto,
Queimar a fronte vil ao misero precito,
E Deus crêa o remorso e gera—A CONSCIENCIA !

Sinistra a corrupção diffunde-se bravia,
Gargalha o vicio audaz, o crime tripudia,
Os labios jorram fel, as almas vertem puz ;
Despenha-se a razão no negro precipicio,
Mas logo se consumma o heroico sacrificio,
Desperta a Caridade e Deus aponta—A CRUZ !

Suffoca o coração, campeia a indiferença,
Tritura os peitos nus o abutre da descrença,
Ergue o scepticismo a lugubre polé ;
Ha sorrisos de hyena e beijos de panthera,
Mas um novo clarão acariciá a esphera,
Um astro surge, além, e forma Deus—A FÊ !

Da gloria no corsel galopa o pensamento,
Um diluvio de luz alaga o firmamento,
O braço quer lutar, o genio quer subir ;
A phalange do Bem seu estandarte arvora,
Seiva, seiva, Senhor, a mocidade implora,
Abre-se um templo, então, e Deus faz—O PORVIR !

Inda resta, porém, banir o despotismo,
Dos labios extinguir o fel do servilismo,
Nos craneos accender a aurora da verdade ;
E Deus, ouvindo, enfim, o soluçar do povo,
Rasga, no céu da patria, um horizonte novo :
—Acclama Tiradentes e faz—A LIBERDADE !

CONSOLAÇÃO

Ao amigo e collega Dr. Antonio P. da S. Castro

Quando o negror da descrença,
Da vida na lucta immensa,
Meu coração vem ferir,
Nauta perdido entre abrolhos,
E' só na luz dos teus olhos
Que eu vejo o sol do porvir.

Quando minh'alma suspira,
Quando meu peito respira,
Dos desenganos á flor,
E' no jardim de teus labios
Que eu sorvo doces resabios,
Que eu colho as rosas do amor.

Quando fulmina-me o mundo
Com seu desprezo profundo,
Com seu terrivel desdém,
E' só no céo de tu'alma
Que eu vejo a aurora da calma,
Que eu vejo a estrella do bem.

Quando me foge a esperança,
E' que não posso, creança,
Contra o destino luctar...
E' de teus beijos na chamma
Que minha mente se inflamma,
Que eu sinto a vida brilhar...



ESPARSAS

NA BRECHA !

Recitada por ocasião do embarque, para Canudos, do 34 Batalhão de Infantaria.

Soldados, chegou a hora
De triumphar ou morrer...
Si é grande vosso heroismo
Maior é vosso dever !
Bravos, leaes brasileiros,
Correi ás armas, ligeiros,
P'ra libertar a nação,
Que á sombra do fanatismo
Occulta-se o banditismo
Pregando a restauração.

A patria, ufana, confia
O seu futuro de vós;
Si o odio cria sicarios,
O brio produz heroes !
Varrei, gigantes do Norte,
Essa maldicta cohorte
De seus reductos fataes,
Salvando dos vis caudilhos
O berço de vossos filhos,
O tumulto de vossos paes.

Que importa o louco denodo
Dos combatentes do mal ?
Não céde o rijo granito
A's furias do temporal.
Quando se vinga um aggravo
Cada soldado é um bravo
Que só procura subir...
A nossa causa é sagrada :
Contra um punhal—uma espada,
Contra o passado—o porvir !

Nas luctas que se assignalam
Nas aureas folhas da historia,

Cada uma gotta de sangue
Vaie um poema de gloria ;
Rompa-se a negra muralha,
Seja a Justiça a metralha,
Seja o Direito o canhão,
Abaixo o vil embusteiro !
Não pode ser brasileiro
Quem foge ao sol da razão.

Nunca um soldado das plagas
Do Rio Grande do Norte
Fugiu em frente ao perigo,
Tremeu em face da morte.
Na terra de Miguelinho,
Onde o valor tem um ninho
E a consciencia um trophéo,
Sim, nesta terra sublime,
A covardia é um crime,
O servilismo um labéo.

Canudos ! Quem diz Canudos
Diz trevas, diz traição...
Diz prantos, diz orphandade,
Diz lucto, diz maldicção !...
Foi lá que o grande spartano
Erguendo a bandeira, ufano
Da liberdade civil,
Morreu, mas não entregou-se.
Seu nome immortalisou-se
No coração do Brazil.

Para as sublimes empresas,
Para as conquistas do bem,
Até as filhas do Norte
São patriotas tambem !
Esta phalange de arminho
Não tem somente o carinho,
Tem heroismo e valor ;
Áffronta a lucta mais rude

Tendo por gladio a virtude,
Vibrando golpes de amor !

Olhai ! Este povo inteiro
Que vos contempla de pé,
Traz a su'alma banhada
Nos esplendores da fé.
Avante ! A lucta se inflamma,
Já Tiradentes vos chama
Lá das trincheiras azues...
Voai, brazileos condores,
— Ides cobertos de flores,
— Voltais cobertos de luz.



AOS QUINZE ANNOS

Aos quinze annos a vida
E' lago tranquillo e puro ;
E' côr de opala o futuro,
As esperanças azues ;
Do branco jardim dos seios
Rebenta a flor dos desejos...
O labio—é cofre de beijos,
A alma—é ninho de luz.

As crenças são alvoradas
Meigas, risonhas, divinas,
As illusões cavatinas
De um rouxinol ideal...
Do horto da consciencia
As rosas não tem espinhos ;
Só ha cariciãs—nos ninhos,
Só ha perfumes—no val.

O coração innocente
 Semelha um iris d'esp'ranças ;
 Os sonhos brincam nas franças
 Das laranjeiras em flor ;
 Pulula a seiva nas veias,
 Rubra, quente, doida, incerta,
 E a natureza desperta
 Cantando um hymno de amor.



TRAGEDIA DA GLORIA

(Excerpto de um poema dramatico)

FALA AUGUSTO SEVERO

Subir, subir, subir : eis o fatal problema ;
 Da Verdade alcançar a preciosa gemma.

Sim ; eu quero travar esse immortal conflicto :
 Ver o pollen do Bem na anthera do infinito !

Desfraldando do Genio os encantados mastros,
 Acompanhar de perto a procissão dos astros.

Voar, voar, sem fim, sereno e sobranceiro,
 Como a nuvem subtil nas azas do pameiro.

Dos Cometas seguir as curvas caprichosas,
 Dormir entre os lençoes das castas nebulosas.

Quero affrontar do sol a flava photosphera
 D'onde, em ancias de amor, a vida prolifera.

Beber nos arreboes a maravilha da Arte,
 Da aurora boreal fazer um estandarte.

Transpor o firmamento, essa illusão azul,
Levar do polo norte a idéa ao polo sul.

Quero apalpar tambem o ventre das espheras.
Saber onde evolue o monstro das chimeras ;

Descortinar do Ser os aditos profundos,
No fluido emprehender a gestação dos mundos ;

Do Cosmo penetrar nas insondaveis grutas,
Do Messias vibrando as armas impollutas ;

Acompanhar do raio a fulva trajectoria,
Chegar no meu corssel aos alcantis da Gloria ;

Das neves me envolver do linho nos crystaes.
Dos anjos escutando os hymnos triumphaes ;

Sondar a criação do Ether no Mysterio,
Medir da Natura a o enorme planispherio ;

Do ignoto quebrando o impenetravel sello,
A fronte mergulhar na luz do sette-estrello ;

A lua contemplar, mysteriosa e fria,
Como a forma idéal da branca eucharistia ;

Num diluvio de Paz, meu coração immerso,
Medir as vibrações fecundas do Universo ;

Guiar, como o Propheta, o carro triumphante,
Numa febre de Além, numa visão de Dante ;

Augusto, dominar a vastidão dos ares,
Meu throno construir da opala dos luares ;

Minha c'rôa fundir do iris da alliança
E ser sagrado Rei, no templo da esperança ;

Roubar a estrella d'Alva o sceptro adamantino,
Lançar aureos grilhões nos pulsos do Destino ;

Suspense do albatroz nas invenciveis garras,
Do Progresso escutar as epicas fanfarras ;

Sentir da tempestade os bruscos solavancos,
As aguias, em cortejo, a seguirem-me os flancos ;

Na torrente boiar de rutilas phalanges,
Como o lothus da vida a fluctuar no Ganges ;

Chegar onde só chega a prece immaculada,
O perfume da crença e o riso d'alvorada ;

Cantar, como Colombo, uma alleluia estranha,
Beijando do Cruzeiro a lucida peanha ;

Ditar as minhas leis aos psalmos dos trovões
E proclamar o Céu a patria dos balões !



O LIVRO E A CRUZ

Aos educandos do Collegio Santo Antonio

*Recitada por o castão da solemne distribuição de premios, no dia 20
de Novembro de 1904.*

Este augusto brazão que traz a Juventude,
Das letras no festim, suspense ao coração,
Proclama da Sciencia a magica virtude,
Assignala da Fé o esplendido clarão.

Tem o brilho ideal que nos deslumbra a vista,
O esplendor do Levante e os psalmos da manhã ;

Affirma do talento a rutila conquista,
Aponta do Futuro a excelsa Chanaan.

Ruja, embora, o canhão da estulta Impiedade,
Vomite da Descrença o deleterio puz,
Não se pode apagar o sol da Liberdade,
Não se pode esquecer o nome de Jesus.

Para banir do Cosmo a excelsa Providencia,
A materia pedir ás leis da Evolução,
E' preciso esmagar a flor da Consciencia,
E' preciso negar a luz da Redempção.

A Crença ha de ser sempre o Lothus da Esperança,
Do Ciborio da Graça a hostia rosicler,
Emquanto houver no berço um riso de creança,
Emquanto houver no lar a prece da mulher !

Quando morrem da Fé as santas harmonias,
A alma se assemelha ás campas frias, mudas,
Triste como o luar nas cathedraes vasias,
Esteril como a dôr no coração de Judas !

O dardo de sarcasmo eivado não alcança
Este Verbo que fez, pregando a Salvação,
Do pranto de Maria o arco da alliança,
Dos beijos de Magdá os hymnos do Perdão.

Si quizerdes seguir a trajectoria immensa
Desse Foco immortal, desta fecunda Luz,
Rasgai o coração e cultivai a Crença,
Abri vosso compendio e contemplai a Cruz.

Vêde : o Livro e a Cruz ! do Scepticismo a garra
Não lhes pode colher a marcha triumphal ;
—O Livro é do Progresso a estridula fanfarra,
—A Cruz é da Verdade o epico missal !

Dois Levitas trazendo a preciosa gemma,
O Viatico da Paz sob o pallio dos sóes ;

O Livro é um estandarte, a Cruz um diadema,
O livro faz o sabio, a Cruz faz os heroes !

Um desperta no peito um sentimento novo,
Outro rasga do crime o tenebroso véo ;
—O Livro é Guttemberg illuminando um povo !
—A Cruz é Monsabré glorificando o Céu !

São as hostes do Bem levando de vencida
Do despotismo infrene o torvo Adamastor ;
—O Livro quer dizer—a lucta pela Vida,
—A Cruz nos representa—a lucta pelo Amor.

Paladinos gentis de uma campanha nobre,
Propagam da Instrucção a colossal scentelha...
—Em presença de um Livro a frente se descobre !
—Em presença da Cruz o mundo se ajoelha !

Do gentio affrontando a envenenada setta,
Num delirio de Amor, seraphico, febril,
Não ha gloria maior do que ver-se Anchieta
Conquistando, sosinho, os cerros do Brazil !

Cave a blasphemia audaz o abysmo mais profundo.
Arvore a Ignorancia a estúpida polé,
As taboas do Sinai hão de reger o mundo,
E o templo de David ha de ficar de pé !

Do Universo excluir a divinal essencia,
Limitar o Destino á cova estreita, escura,
E' condemnar ao charco o lyrio da Innocencia,
Enclausurar o Sol na jaula da Loucura !

Uma licção fecunda aqui se desenrolla
Libertando do Cahos os novos Prometheus...
Feliz do que soletra esta palavra— Eschola !
Bemdicto o que resolve este problema— Deus !

BRINDE DE HONRA

A Henrique Castriano, por occasião de seu anniversario natalicio

Charo poeta, estou arreliado,
Bastante descontente,
Por não ter um presente
Que te possa offertar. De engenho aváro,
Nada possuo além dos desenganos,
E um presente de annos,
Para cahir em graça,
Deve ser coisa que figura faça,
E, aquí p'ra nós... estou arrebetado...

Remeixo, embalde, a caixa do miolo,
Em procura de assumpto,
Mas, oh cruel, oh triste desconsolo,
Estupido, terrivel !
Sinto o orgão da Luz mais impassivel
Do que um coveiro em frente d'um defuncto.

Recorro ao musc'lo q' os idyllios gera,
E' tudo uma chimera !
O brejeiro, tenaz, de modo algum
Quer conceder-me do triumpho a palma,
Continúa a pulsar com toda calma,
Pacato, lentamente,
A meus rogos sombrio, indifferente,
Como um burguez, em dia de jejum.

Riquezas ? Não, que joias tens de sobra
Nessa fronte viril que não se dobra
Dos histriões ás pulhas caricatas,
Descabellado enxame
De patuscas e toscas bambochatas,
Fatal epidemia,
A disputar um funebre reclame,
Que, para destruil-o,
Basta, apenas, o Valle diluil-o
Numa gramma de essencia de Ironia.

Flores ? Vives num Eden verdadeiro,
Tua alma é um canteiro
D'onde nos beijos das Musas fecundantes,
Rebentam, triumphantes,
Em forma de poemas,
Da verde murta as roridas estemmas.

Ha no teu verso avelludado e quente,
Suggestivo, nervoso,
Um que de estranho, um fluido capitoso,
Dessas flores ignotas do Oriente.

De teu psalterio as puras Vibracões
Meigas, ternas, amenas,
Fazem lembrar um coro de phalenas
Em loiras procissões.

Tens um'alma de neve que se obumbra
Sob a cutis opaca das morenas,
Dentro uma estrella e fóra uma penumbra..
Abençoa lo crime !
Feliz incarnação !
Onde o brilho do astro é mais sublime !
E a seiva das boninas,
De côres crystalinas,
Vai-se fundir nas chammas das verbenas
Inundando de Amor o coração.

Versos ? P'ra que ? São infimas parcelas
No activo de teus loiros :
E' crime ao Sol offerecer estrellas,
Dar uma esmola a quem possue thesoiros.

Incenso ? Nunca ! Para as almas puras,
Artistas, verticaes,
Nada valem, de certo, as curvaturas
Das vertebras dorsaes.
Sim ; a lisonja é um ficticio preto
Que perfido dimana
Da vã cortesia :

Producto vil de baixa camarilha,
Que causa o mesmo effeito
De uma dose de falsa mancenilha,
Offerecida em aurea porcellana
 Numa noite de orgia...
Artificio boçal de enorme bôjo
Onde mora a baixeza e dorme o nojo i
Lacaio audaz com foros de nobreza
Impansinando a Deus e a Natureza.

.....

Já que tudo possues, e a terra avára
 Coisa alguma depára,
Uma prenda exquisita, um relicario,
Com que possa brindar-te a bizarria
 No venturoso dia
 De teu anniversario ;
Deixa que eu suba, em sonhos transparentes,
A' Patria Azul das coisas innocentes,
 A's rutilas espheras,
Grato jardim de castas primaveras,
Das delicias do eterno Paraizo,
Onde tudo é candura, amor e riso,
 E implore á tua irman,
Nessa attitude ingenua de creança,
 Inspirada, bemdicta,
 Qual se fosse um levita
Curvado em frente á Arca da Alliança,
 Colhendo de seu Horto,
Um lyrio só de Paz e de conforto,
 Sublime talisman,
Para enfeitar-te a fronte immaculada
Aos prodigios do Bello consagrada.

.....

Vate, perdoa esse arrojado intento,
E' santa a empresa e nobre o Sentimento.



FREI MIGUELINHO

VIA SACRA

A' immaculada memoria de Frei Miguelinho

Quereis saber quem foi o padre Miguelinho ?
Transponde o Cabugy e devassai-lhe o ninho,
Entraí nas cathedraes da vasta humanidade,
Vereis no coração dos nobres potyguares
Um vulcão consagrando em rutilos altares,
O vinho do Direito e o pão da Liberdade.

Quando, outr'ora, de um throno a sordida cobiça
Pretendeu immolar o symbolo da Justiça,
No labio amordaçando o verbo do sentir,
O Apostolo genial, na febre do Civismo,
Rasgou, de meio a meio, o véo do Servilismo,
Abriu, de par em par, as portas do Porvir.

Ao festivo clangor da inubia sacrosanta
Sua alma se revolta, o braço se levanta,
Accende o Altruismo os cirios de um altar :
Delinquente ideal, impavido, fecundo,
Era o astro da paz illuminando o mundo !
Era o anjo da guarda a defender o lar !

Sentindo estribuchar o coração do povo,
Juntou ao Evangelho um sacramento novo,
Levantando o cartel do desafio audaz ;
A' virtude, porém, não poupa a tyrannia...
E o Condor, aquecido ao sol de uma utopia,
Fulminado, cahiu, porque subiu de mais !

A' miragem febril seguiu-se a derrocada...
Miguelinho ficou, de pé, na barricada,
Como uma aguia a pairar nos brancos alcantis ;
Do Futuro a visão a mente lhe deslumbra...
Só o mocho do crime habita na penumbra,
Só o corvo do mal conspira nos covis !

E ao ver da meiga irman, no macilento rosto,
O sombrio arrebol de um intimo desgosto,
Exclamou, dominando um soffrimento atroz :
—Chorar ! por que chorar ? O pranto é cobardia,
«Quando o dever exige um rasgo de energia,
«Quando a Patria reclama o sangue dos heroes.

«E' preciso evitar a sanha dos juizes,
«Queimar estes papeis, salvar os infelizes
«Que o santo amor do berço um dia enalteceu ;
«Terminei a missão... Não temo a iniquidade...
«Vou ver de perto o sol, tu ficas na orphandade,
«Bem vês que, de nós dois, o mais feliz sou eu !

Eil-o, após, a vogar na jaula fluctuante,
O brigue tumular, o Atlantico bacchante,
Onde a treva algemára os novos Prometheus ;
E, enquanto uivava o mar, frenetico, dolente.
Do Cruzeiro do Sul, ajoelhado em frente,
Mandava ao Potengy seu derradeiro adeus !

Da bastarda vingança o spurio vilipendio
Não lhe extinguiu do craneo o magestoso incendio,
Não lhe apagou da frente o magico fulgor ;
Impassivel á queda, ás maguas sobranceiro,
Captivo—avassallou um continente inteiro,
Vencido—foi maior que o proprio vencedor !

Tinha na frente augusta, unguida de pezares,
O sereno pallor dos mysticos luars
E a calma de Jesus, na noite da traição ;
Não corrompeu-lhe o sangue a esmola da clemencia.
Acima do sarcasmo estava a consciencia,
No vertice da Cruz velava a Redempção.

Debalde o despotismo aponta uma esperança :
—“Abusaram, talvez, de vossa confiança...
“Vossa firma, de certo, alguém falsificou...
Desdobrando, porém, a epica estatura,

O colosso exclamou, sublime de bravura :
—“A letra é minha só ; fui eu quem assignou !!

Quem affronta o tufão não foge da batalha...
E' mais nobre fazer da honra uma mortalha,
Que aceitar do carrasco a humilde compaixão ;
Ha no riso do algoz o fél da hypocrisia...
Quando a taça contém o travo da ironia
Uma bala é melhor que o beijo do perdão.

Dos antigos christãos a estoica indifferença
Sellou de seu supplicio a barbara sentença,
Novo drama encenou nos priscos Colyseus ;
Mas a causa do Bem triumpha em toda parte,
A prece é uma fanfarra, o pallio um estandarte,
A crença uma alavanca e a evolução é Deus !

E elle vai do opprobio envolto no sudario
Seguindo a via sacra, em busca do Calvario,
Resoluto a fitar o vago azul sem fim...
Evocando noss'alma essa epopéa estranha,
Tem orgulho de ver intrepidez tamanha !
Sente inveja tambem de não morrer assim !

Satisfeito o rigor da lei austera e fria,
Ao psalmo dos clarins, certa a pontaria,
Fuzilado tombou o immaculo galé ;
Seu delicto, porém, proclama uma victoria :
Como filho da Cruz foi resurgir na Gloria,
Cantando a marselheza olympica da Fé.

Salve, rubro ideal ! Oh, preciosa gemma,
Que deante da dor recitas um poema,
E em frente do fuzil levantas a cerviz...
Nesse holocausto, assim, cercado de esplendores,
Transformam-se os papeis, invertem-se os factores :
Faz-se crime o Direito e o réo faz-se Juiz !

.....
Musa ardente do Norte, oh ! musa americana,
Vem dos lirios guiar a nivea caravana,

De um athleta sagrar o busto inerte e só ;
Pendura no cypreste a lyra da saudade,
O esquife dos titans encerra a Liberdade,
Na campa dos heroes ha luz, em vez de pó.

Contempla ! Esta visão que surge deslumbrante
Do Messias recorda o vulto triumphante,
Tem a patria a seus pés e os astros em redor...
Quem aspira da gloria o divinal encanto,
Necessita sangrar, para tornar-se santo,
E' preciso morrer, para viver melhor.

Olha ! Aquelle trophéo que nos offusca a vista
Symboliza de um padre a esplendida conquista,
Lembra a pompa irial de edenicas manhans ;
Inconsutil, ostenta o arco da alliança,
Ensinando a rezar ao labio da creança,
Inspirando o dever no coração das mães.

Tente o odio apagar os feitos eloquentes,
Queimem Joanna d'Arc, enforquem Tiradentes,
Requinte-se o terror dos Neros no crisol,
Dos banquetes de lama a Historia não partilha,
E' debalde encerrar o raio na Bastilha,
E' loucura do verme arcabuzar o Sol.

Oh ! levita do Bem, tu vales um thesoiro,
Inunda-te o perfil um Niagára de oiro,
Esmalta-te o sacrario a aurora boreal ;
Teu sacrificio augusto anima e nos consola...
Seja o nosso estandarte a tua branca estola,
Seja o hymno da Paz o sonho universal.

Eu vejo-te a sorrir no solio do Levante,
Dos prophetas cingindo a clamyde vibrante,
A vogar, a vogar, á flor das gerações ;
Si a morte é quem regula o pendulo da vida,
Tua gloria ha de ser em bronzes esculpida,
Teu nome ha de tornar-se a Biblia das nações !

RIMAS INFANTIS

Versos recitados pela senhorita Palmyra Wanderley, ao ser representada "A Promessa", de Henrique Castriciano, na inauguração do Theatro Carlos Gomes.

Dos cofres da Natureza
Sou um pequeno crystal,
Mas comprehendo a grandeza
Desse formoso ideal !...

Fizeste de um palco—escola,
Para a clemencia ensinar ;
Das harmonias—esmola
Que o pranto vai enxugar.

Possue um celeste encanto,
E' mais que um genio, talvez,
Quem das preces faz um manto
Para cobrir a nudez.

Bemdicta a musa das ruas,
Bemdicta a musa do pão,
Que embala as creanças nuas
No berço do coração !

Ha muita luz, na verdade,
E tu, de certo, adivinhas
Nos dramas da Caridade,
A festa das andorinhas.

A tua gloria é immensa !
O teu triumpho, sem par !
—Com o oiro puro da Crença
Compraste as benções do lar.



SALVE, MARINHEIROS !

Poesia recitada pela senhorita Iracema Ramos, representando a cidade do Natal, no Theatro Carlos Gomes, por occasião da visita da Esquadra.

Bravos filhos da terra sagrada
Que as estrellas bordaram no céo,
Em Natal vem saudar vossa armada,
Do Brazil este augusto trophéo.

Na conquista de novos thesoiros,
Pelos mares bravios de além,
Quando a patria vos cobre de loiros
A mulher vos applaude tambem.

Neste preito de estranhos fulgores,
Como estrophes formadas de sóes,
Descem bellas grinaldas de flores
Sobre a fronte dos grandes heroes.

Que prazer em noss'alma se encerra :
Entre beijos de luz, tropicaes,
Sobre nós, ver o anjo da guerra
Desdobrando a bandeira da paz.

Vosso nome, que, em aureas memorias,
Acclamado, ha de sempre ficar,
Deixa aqui um legado de glorias,
Segue, ovante, no rumo do mar.

E si um dia, affrontando o perigo,
A fortuna trahir o valor,
Neste porto tereis um abrigo,
Neste povo as victorias do Amor.



AVE MARIA !

Ave Maria ! Ave Maria !
Do Paraiso mystica flor ;
Nossa esperança, nossa alegria,
Cheia de graça, cheia de amor.

No céo resides, de astros cingida,
Sempre comnosco sorrindo estaes :
És o sacrario de nossa vida,
Cheia de graça, cheia de paz.

Em nossas almas teu nome habita,
Formoso lirio de Nazareth ;
Entre as mulheres tu és bemdicta,
Cheia de graça, cheia de fé.

D'este teu ventre, bello e sublime,
Bemdicto é o fructo, doce Jesus ;
De nossa patria perdoa o crime,
Cheia de graça, cheia de luz.



POSTAES

A' senhorita Ezilda de Mello

I

Sob um niveo docel de renda e musselina,
As mãositas em Cruz, num extase feliz,
Na caminha aromal, de vime, pequenina,
O Padre Nosso afflora aos labios infantis.

II

O seu olhar de azul contempla extasiado
O sorriso ideal de um quadro de Maria...

E movendo, em segredo, o labio immaculado,
Docemente, supplica o pão de cada dia.

III

Invoca de Jesus o orvalho da clemencia,
Que das almas fecunda o arido rosal,
Como si o branco ninho, onde dorme a innocencia,
Já podesse abrigar a culpa original.

IV

Como faz bem rezar ! A mystica scentelha
Invade, suavemente, o implume coração...
Um só momento existe em que Deus se ajoelha :
—E' quando uma creança está em oração.

V

—Não o deixe cahir em tentação, recita...
Que o defenda do mal, balbuciando implora...
E a prece amorteceu ! Silencio ! Elle dormita...
Junto ao berço, a sorrir, está Nossa Senhora !



AS TRES VIRTUDES

Num postal da senhorita Annica L'Eraistre

FÈ

Onde paira a Sciencia, ella começa, pura
Como a pomba voltando á barca de Noé...
Estrella que illumina as ruas da amargura,
Era inutil o Céu si não houvesse a Fé.

ESPERANÇA

A creança é da verdade a mystica guarida,
O sorriso da paz, o iris da bonança ;

Feliz de quem affronta o pelago da vida
Levando em seu batel a aurora da Esperança.

CARIDADE

Eva quando peccou, chorando o seu delicto,
Sobre um lirio cahiu-lhe o pranto da saudade...
Um anjo, então, surgiu do calice bemdicto,
E da primeira dôr nasceu a Caridade.



CANÇÃO DAS ARAPONGAS

De verde esmalte adorna-se a floresta,
Tinge-se o espaço de opalina côr ;
Ai, como é rica a Natureza, em festa !
Ai, como é pura a madrugada em flor !...
 Tan, tan ; tan, tan...
Saudemos, alegres, o sol da manhã.

D'alva, risonha, 2 estrella peregrina
A face occulta num frouxel de brumas ;
Ai, como é doce a brisa levantina !
Ai, como é leve o beijo das espumas !
 Tan, tan ; tan, tan...
Saudemos, alegres, o sol da manhã.

Fecha-se a urna dos mysterios vagos,
Abrem-se os lirios de nevada côr ;
Ai, como é bella a placidez dos lagos !
Ai, como é santa a communhão do amor !
 Tan, tan ; tan, tan,
Saudemos, alegres, o sol da manhã.



FESTA NATALICIA

Entre os gosos da Cruz tua existencia passa
Captiva da humildade á rigida polé...
Compensam-te a pobreza os thesoiros da graça,
Esmaltam-te o caminho as perolas da fé.

Relembras a Jesus, em meio das creanças,
E mostras, atravez de teu sombrio véo,
Como um osculo de amor, nimbado de esperanças,
Voltada para nós, a porta azul do céo.

Tu'alma é como o sol das tardes de Sorrento.
Teu seio angelical um carinhoso ninho,
Onde mora, constante, a flor do sentimento,
Onde vivem, cantando, as aves do carinho.

Teu labio desabrocha em mysticos afagos,
O teu meigo sorriso em rosas se desfaz,
Tens na fronte serena a placidez dos lagos
E a belleza ideal das brancas cathedraes.

Bemdicta é quem fecunda o lirio da innocencia
E neste mundo cumpre uma missão de paz,
Pregando o Evangelho á luz da consciencia,
Cingindo de virtude as fronte virginaes.

Dos nossos corações o rutilo sacrario
Palpita de prazer, de estrellas resplandece,
E a festejar, somente, o teu anniversario,
Vem, Maria, dos céos, nas azas de uma prece.



MINHA MÃE

Nasceste como os lírios crystallinos,
Cercada dos sorrisos da alvorada...
Em berço de setim foste embalada,
Tinhas beijos de amor e ternos hymnos.

Viveste como os anjos peregrinos
Nas chammas da virtude alimentada,
Do mundano prazer sempre afastada,
Entregue aos gosos, só, puros, divinos.

Soffreste como martyr ; teu tormento
Não mudou-te, porém, ó mãe sublime,
Um instante, sequer, o sentimento !

Tiveste, como santa, um fim bemdicto...
— E's um astro de menos cá na terra,
— Um seraphim de mais lá no infinito.



ECCE HOMO

Mestre ! Elle foi sublime na desgraça,
Levando sobre os hombros macerados
Cinco seculos de tetricos peccados,
Depois de ter sorvido a amarga taça.

Não lhe abateu a fé o vil tormento,
Não lhe abateu a crença o negro crime,
Pois, era seu amor, puro e sublime,
Maior, muito maior que o soffrimento.

Embalde o negro açoite do sicario.
Embalde a bofetada revoltante,
Embalde o sacrificio do Calvario...

Raro exemplo de amor e caridade :
Soffreu para dar luz á Consciencia,
Morreu para salvar á humanidade.



SONETO

Ao Dr. Pedro Velho

Fuzile, embora, o raio do despeito,
Pela tuba da inveja celebrado ;
Nas impollutas fibras de seu peito
Crave a calumnia o dente envenenado ;

Blaspheme o labio vil ao odio affeito,
Num arrojo de insania, o mais ousado,
Nada pode abater o seu conceito,
Na defeza da Patria assignalado.

E' debalde rugir a tempestade...
Fala mais alto a nivea probidade
Com que soube esmaltar sua victoria...

Algoz ?! Não pode ser quem, Tito novo,
—Subiu nos braços varonis do Povo,
—Desceu nas azas triumphaes da Gloria.



LYRA INTIMA

Meus amigos me pedem, todo dia,
Que eu escreva, que rime, que produza,
Mas de que serve recorrer á Musa
Quando eu sinto no lar a poesia ?

Quatro estrophes possuo, peregrinas,
Lirios de amor, phalenas de candura,
Que transformam-me a vida, triste escura,
Numa canção de notas argentinas.

Quando as vejo, cantando descuidosas,
Como um bando de rolas carinhosas
Da palmeira genti! nas verdes franças,

Digo, mostrando o grupo alviçareiro :
—Eis alli o poema verdadeiro,
Um soneto de luz e de esperanças.



ESMOLA

Por ocasião do festival dramatico em beneficio das viúvas e orphãos dos martyres de Canudos.

Uma dupla visão eu descortino agora :
Emquanto a patria, livre, uma epopéa canta,
Das entranhas do lar um grito se levanta,
A viuvez supplica, a orphandade chora !...

E' preciso varrer o horizonte escuro,
Da desgraça aparar o golpe austero e rude,
Salvemos a mulher—em nome da virtude,
Salvemos a creança—em nome do futuro.

Paguemos aos irmãos o nobre sacrificio,
Transborde o coração em ondas generosas,
Ao morto dê-se a prece, ao vivo o beneficio..

Transforme-se o scenario em prill da humanidade,
A gelida mortalha em manto cõr de rosas,
O sangue dos heroes no pão da Caridade !



SAUDAÇÃO

A Raphael Pinheiro

Quer desferindo os psalmos da ternura,
Quer desvendando o céu da consciencia,
Nos torneios da luz vibrante e pura
Nunca subiu tão alto a intelligencia.

Que magia ! que sol ! que formosura !
Ver transformada a divinal essencia,
Em Raphael o genio da pintura—
Em Raphael—o genio da eloquencia.

O teu verbo que em astros se desata,
Tem o encanto bravio da cascata,
Electrisa, domina, empolga e vence..

É deslumbrante, ao beijo dos laures,
Ouvir cantar, nos bosques potyguares,
O rouxinol da imprensa fluminense.



EXTREMA UNÇÃO

A' memoria do Padre João Maria

Musa do lucto, musa da tristeza,
Toma o psalterio roxo da saudade,
Vamos cantar o Sol da caridade,
Vamos carpir o Anjo da pobreza.

Quem dos fracos succumbe na defesa,
Contemplando da Gloria a claridade,
Tem no proprio martyrio a magestade,
Tem no mesmo Calvario a realeza !

Musa, não ouves um concerto estranho ?
Chega da magua o pallido rebanho,
Deixa que passe o lugubre cortejo...

Emquanto a nota afinas da amargura,
Naquella fronte, aureolada e pura,
Quero imprimir o derradeiro beijo.

BRINDE INFANTIL

Recitado pela senhorita Palmyra Wanderley, por ocasião de uma mani-
festação da mulher rio-grandense do norte, ao Exmo. Snr. Dr. Augustus
Lyra, em a noite de 22 de outubro de 1906.

Este de crenças estendal sagrado,
Cujo fastigio em flores se assignala,
Traja de festa, enfeita-se de gala,
Como um bloco de arminho, immaculado.

Da primavera o sopro embalsamado
Seu ninho roseo, docemente, embala ;
Canta ás estrellas, de esperanças fala,
Vem trazer-vos de auroras um legado.

E, ao ver dos sonhos a phalange altiva,
De risos plena, de illusões captiva,
Tua gloria exaltar, fecunda e justa,

A innocencia, imitando a virgindade,
Vibra um hymno de amor á Liberdade,
Nas cordas brancas d esta lyra augusta.



PREITO DE HONRA

Recitado ao mangrar-se no escriptorio da "A Republica" a l' de julho
de 1907, o retrato do Senador Pedro Velho

Alma, que as almas dos hercos enlaça,
Aureo brazão de gloria, invejado,
Rebento illustre de fecunda raa,
Pelos hymnos do povo consagrado ;

Ante este quadro nitido, sem jaça,
Na officina da luz transfigurado,
Levanto da Justiça a nivea taça
Para saudar-te, ó mestre immaculado !

.....

Deixem que a Musa de cabellos brancos
Do Calvario da vida os rudes flancos
Desça, vibrando a nota alviçareira. .

Mas, si é crime cantar a Liberdade,
— Roubem do sol a immensa claridade,
— Risquem do globo a Patria Brasileira.



IMMACULADO BRINDE

Por occasião do baptisado do innocente Fernando, filho do coronel João Lyra Tavares.

E' ventura saudar-te, edenica creança,
Implume beija-flor das veigas encantadas,
Alma feita de luz das loiras madrugadas,
Que se nutre de affecto e vive de esperança.

Derrama sobre ti o anjo da bonança
Toda pompa ideal das noites constelladas ;
Embalsamam-te o ser as auras perfumadas,
Illumina-te o berço o arco da alliança.

Tu emerges, feliz, das aguas do baptismo,
Como um beijo do sol das brumas levantinas,
Como o lothus do amor das fontes do lyrismo...

Quando o sello da fé sublima a consciencia
Dillue-se o coração, em doces cavatinas,
Dobra a Musa o joelho, em frente da Innocencia.



AOS JORNALISTAS

Que a esta capital acompanharam o Dr. Affonso Penna

Renda Natal um preto soberano...
Nos banquetes da luz, amor e crença,
E, de certo, um dever republicano,
Livre, saudar a redemptora Imprensa !

Para acolher o sol da Renascença,
De glorias farto, de civismo ufano,
Rompa noss'alma a fria indifferença,
Tome, emprestada, a gemma do oceano...

Seja bemvinda a esplendida cohorte
 Que vem tocar, nos arraiaes do Norte,
 Do Progresso a fanfarra alviçareira...

Bella conquista ! Original thesoiro !
 — Escrever um jornal, com Penna de oiro.
 No coração da Patria Brasileira.

O MEU ANNIVERSARIO

6 DE ABRIL (*)

Parabens ! Parabens ! Doce ironia !
 Passe de largo o estridulo cortejo .
 Parabens ! Parabens ! Nada desejo
 Que me provoque um riso de alegria.

Dobra em minh'alma o bronze da agonia,
 Me envenena o licor desse festejo...
 Além, aberto, um cemiterio vejo...
 Parai ! que eu sigo em santa romaria.

Um phantasma não tem anniversario
 Deixem que vague triste e solitario
 Da Lua branca á dubia claridade ;

Passai, passai, vassallos da Chimera,
 — Naquella campa um coração me espera.
 Vou celebrar a Paschoa da Saudade !

(*) A data anniversaria do auctor coincide com a da morte de sua mãe

ULTIMA VISÃO

Deante do tumulo do Senador Pedro Velho

Nas trincheiras do Bem, a cabelleira aos ventos,
Inda o vejo de pé, constantemente o veio,
Seguindo dos heroes o esplendido cortejo,
Conduzindo à victoria os plumbeos regimentos

Ilumina da Pátria os roxos firmamentos
Da pupilla fugaz o ultimo lampejo..
Subiu, subiu de mais o astro bemfazejo,
Não poude o coração conter-lhe os sentimentos.

Musa branca do ermo, escuta o nosso grito :
Destroe esta muralha, arranca este granito,
Onde o verme chumbou o sol da Liberdade !

Inda quero, uma vez, na grande magua immerso,
Em seu corpo entornar o sandalo do verso,
O seu nome envolver no linho da Saudade.



OLHOS

(OS ULTIMOS VERSOS DO POETA)

*Conheço uns olhos de certa classe
Que não são pretos, nem são azues,
Porém, que gozam de vasta luz,
Olhos brejeiros, olhos laivos*

*Não são obliquos, nem circulares
São duas gemmas de raro cutubo ;
Têm o mysterio dos verbes negros
Nas noites frias do mez de Junho*

*Nelles descubro, nelles se ostenta
A luz incerta dos arreboes ;
Conheço-me o cutubo que os sustenta
São dois escolhos ou dois pharoes.*

*Olhos bilontras, olhos pucholas,
As vezes cantam ás vezes francos,
Lembrando-me tanto as castanholas
Um par travessos de subtilsustentos.*

*Olhos de cyrios, contemplativos,
Quando se fitam no bramo altar
Olhos ladinos, olhos furtivos
Somente feitos para enganar.*

*Olhos capazes de toda empresa,
Que vibram dardos no coração
Olhos que ferem—por natureza
Olhos que matam—por distracção !*

*Olhos que trahem desejos vagos
Saltis promessas, altos arcanos ;
Que têm a calma dos mausos lagos
E a tempestade dos oceanos*

*Estranhos olhos, olhos que cegam
Um e no castigo, quer na perdão,
Olhos inertes que tudo veem,
Olhos fechados—que tudo dão*

*Quando estes olhos, assim, diviso
Ao prisma roseo da phantasia,
Não ser, confesso, fico inleciso,
Si s'io de Aspasia, si de Maria*

OBRAS DO MESMO AUCTOR

(A PUBLICAR)

ALBERTO OU A GLORIA DO ARTISTA—Drama

A LOUCA DA MONTANHA— “

E ASSIM ROLA O MUNDO DE PERNAS PARA O AR—
Scena comica, em versos

NOIVA EM LEILÃO—Comedia

NATAL EM CAMISA—Revista de costumes locais

OS DRAMAS DA SECCA-- Excerpto de uma revista
phantastica, em versos

A RAINHA DOS BOSQUES—Fragmentos de uma
revista

OS ANJOS DO CLAUSTRO—Drama Infantil.

INDICE

As duas aguias.....	3
Surge et ambula.....	6
Gloria á Justiça.....	8
O naufragio do Solimões.....	9
Pela Republica.....	11
Lucta extrema.....	14
Harmonias.....	16
Glorificação.....	"
A' memoria de minha adorada mãe.....	19
Escravidão.....	20
A imprensa e a arte.....	23
Anhelos.....	24
A esperanza.....	25
Implacavel.....	28
A voz da justiça.....	"
Recordações.....	32
Deus.....	34
Mata-me.....	35
A' Maria Francesi.....	36
A' memoria de José Bonifacio.....	38
Um pé.....	39
O poeta e a fidalga.....	41
O naufragio do vapor Bahia.....	43
Independencia ou morte.....	46
A' Adelia Naghel.....	48
A Alvaro Ferreira.....	49
A' memoria do Visconde do Rio Branco.....	50
Impossivel.....	52
Desengano.....	54
A' Sociedade 13 de Maio.....	55
Le Monde Marche.....	56
Catastrophe.....	"

O echo da Liberdade.....	57
Eu e tu.....	60
A rainha do baile.....	62
Eu vi-te.....	63
O collar.....	65
Um sonho.....	66
Sosinho.....	67
Dois de julho.....	69
Adeus.....	72
Amor exdruxulo.....	74
Stella.....	76
Alice Rebottaro.....	77
O beijo.....	80
Castro Alves.....	82
Um seio.....	85
Dormindo.....	87
Immortabilis Dies.....	88
Um tributo de apreço.....	91
A nossa cella.....	95
Portico.....	96
Melancholia.....	97
Amor de filha.....	“
O baile das flores.....	98
Canudos.....	99
Um drama nos alpes.....	“
Agonia do sol.....	100
Pagina triste.....	101
No banho.....	“
Gilliat.....	102
No barco.....	103
A flor de Galiléa.....	“
Quadro negro.....	104
Profugo.....	105
A morte da rosa.....	“
Gastronomia.....	106
Tiradentes.....	107
A estatua.....	“
Infamia britanica.....	108
Judith.....	109
Consummatum est.....	“

Paisagem nocturna	110
Vera-Cruz.....	111
O enterro do passarinho.....	"
Seios.....	112
Tumulo do verso.....	113
Primeira communhão.....	"
Tragedia da Gloria.....	114
Nupcias no céu.....	115
Sub umbra.....	"
Abençoado crime.....	116
Ingenua.....	117
A procissão das flores.....	"
Coquette.....	118
Noviça.....	119
Suprema dôr.....	"
Agonisante.....	120
Epopéa da magua.....	121
Coração de virgem.....	"
Noemia.....	122
D. Cezar de Bazan.....	123
Cortezan.....	"
Stygma.....	124
Útima pagina.....	125
O azul do mar.....	"
Vozes de um anjo.....	127
O meu chalet.....	128
Parabola do Samaritano.....	131
Supremo ideal.....	132
Consolação.....	134

ESPARSAS

Na brecha.....	137
Aos quinze annos.....	139
Tragedia da gloria.....	140
O livro e a Cruz.....	141
Brinde de honra.....	145
Frei Miguelinho.....	148
Rimas infantis.....	152
Salve, marinheiros !.....	153

Ave-Maria.....	154
Postas.....	"
As tres virtudes.....	155
Canção das arapongas.....	156
Festa natalicia.....	157
(*) Minha mãe.....	158
Ecce homo.....	"
Soneto.....	159
Lyra intima.....	160
Esmola.....	"
Saudação.....	161
Extrema unção.....	162
Brinde infantil.....	"
Preito de honra.....	163
Immaculado brinde.....	164
Aos jornalistas.....	"
O meu anniversario.....	165
Última visão.....	166
Olhos.....	167

(*) Este soneto é o mesmo que se lê á pagina 19. Um ligeiro equívoco motivou sua reprodução.

